

Offereço á *Sociedade dos Amigos das Letras* (para lhe offerecer alguma couza) os seguintes apontamentos, que recolhi dos costumes dos povos *Felups*, gentios da *Guiné Portuguesa*, entre os quaes vivi um anno retirado das Scenas do Despotismo, e ali proclamei a *Rainha* e a *Carta* em 12 d'Outubro de 1831, pouco antes de me passar á Colonia Inglesa de *Gambia*, e dahi á Europa, aonde pude chegar ainda a tempo de participar dos perigos da Restauração. O unico mérito, que poderão ter é a veracidade, da qual assevero, que em nada me apartei.

Joze Joaquim Lopes de Lima.

MEMORIA SOBRE OS FELUPS.

NOÇÕES GEOGRAFICAS

A Ponta do *Baluarte de Bolor* aonde escrevi esta Memoria está em 12.º 10' Latitude N. e 6.º 55' de Longitude O. de Lisboa na Costa d'Affrica Occidental: o mar a banha desde O. S. O. ate E. N. E; a saber ao S. e S. O. domina o Canal de *Cachêo*, (que alli forma um perigozo *Banquinho*); e a E e E. N. E. senhorêa o Canal, e Porto de *Bolor*: fica-lhe ao N. a Aldêa de *Bolor* mui vizinha, e a O. a de *Jafunco* meia legua distante: as outras Aldêas que a circundam em diversas distancias, e que

admittem trato Europêo são as seguintes: *A'gin*, *Lalla*, *O'ssol*, *Catã*, *Aramé*, *Jobéli*, *Elia*, *Varella*, *Socujaque*, e *Cabo-Roxo*: e é dos povos destas, que todos se assemelham em costumes, que me proponho tratar, posto que a raça *Felup* em geral occupe uma região de mais de vinte leguas quadradas de terreno entre o Rio *Cazamanza*, e o de *S. Domingos de Cachêo*, e que no seu regimen pouco diffiram.

MARE'S.

O mar na praia de *Bolor* eleva-se a pouco mais de dois pés; e o estabelecimento do porto é ás nove horas e 20'.

RELIGIÃO

A Religião dos *Felups* é mais um Theísmo barbaro, do que uma Idolatria: elles reconhecem, e adorão um só Deos Universal, e não dão culto a Divindades Subalternas: não só não tem Idolos, mas nem mesmo Templos, ou cazas de adoração; e não professam ritos, ou cerimoniaes quotidianas. Com tudo ha varios lugares sagrados, aonde só nos cazos de importancia, o povo se dirige precedido pelo Rei, e pelos *Padres*, (a) a consultar a vontade do Ente Supremo, fazendo libações, e holocaustos, e exa-

(a) Mesmo assim lhes chamam em Crioulo.



minando no fim, como os Augures Romanos, o interior da victima. Os lugares, onde isto se pratica, são chamados = *Xinas* =: são inteiramente expostos ao tempo, ou sejam no matto, ou em uma praça no interior das povoações, (excepto as que o Rei, e os Padres tem em suas cazas) sem outro sinal mais que um páo sobre o qual existe sempre um grande Buzio do Mar, em que se fazem as *Libações*: estas são ordinariamente de Vinho de Palma: o Rei ao chegar tira o Buzio do lugar em que está posto; enche-o de Vinho; e tendo feito a Saudação ao Ente Supremo com algumas palavras em voz submissa, derramando ao mesmo tempo algumas gotas; expoem immediatamente o cazo de que vai tratar; e tendo provado, e dado a provar alguns tragos aos Padres, e aos Grandes, derrama o resto no chão: depois do que, tendo os Padres degollado a Rêz, ou Rêzes destinadas para o Sacrificio, por fim o Padre mais velho toma um Gallo; abre-o com palavras mysteriozas, e arrancando-lhe os testiculos os apresenta ao povo: se estão brancos o auspicio é favoravel; se negros é triste o agouro; porém se durante a Cerimonia rompe dentro o matto alguma Cobra negra, eminente desgraça ameaça o povo; o Sacrificio se interrompe; e todos correm espavoridos: é então mui facil a qualquer impostor guiar a algum excesso estas Cabeças desorientadas: concluido porém sem accidente o Sacrificio, repartem-se as Rezes em pequenas porções por todo o Povo, comem, e bebem; e ordinariamente termina a função com uma geral embriaguez. E' de advertir que se o cazo sobre que se consulta o Oráculo é o successo de uma guerra, que se premedita, então não deve assistir o Rei, por motivos, que ao diante se exporão; mas nesse cazo faz as suas vezes o *Valentão* (b) ou General.

Nenhuma Liturgia se observa entre este povo: nenhuma pratica adoptam, senão a da confissão (que provavelmente tomáram antigamente dos Christãos, impellido pelo seu genio imitador) a qual

(b) Nome que lhe dão em Crioulo.

porém não é seguida de penitencias de qualidade alguma. A Dignidade Sacerdotal é hereditaria, bem como a Real, de tios a sobrinhos: os Sacerdotes, que elles mesmos chamam Padres, nada recebem do Povo, senão veneração; e trabalham nas suas lavouras, bem como qualquer outro: não tem distinctivo algum, senão o de não uzarem dos enfeites de contas, ou manilhas, de que os outros uzam.

Todavia este Povo crê assim como todas as Nações Affricanas na Feitiçaria, e nos Possessos; e como não tem nem o mais leve conhecimento da Arte de curar, nem das molestias do corpo humano, muitas das vezes que se sentem enfermos, pensam que o Demonio, (ou o *Hiran*) lhes arrebatou a alma, e a tem presa, e assim entram a clamar em altas vozes: é então do uzo recorre a uma especie de Magico, chamado *Jambacoz* na lingua Felup, o qual se suppoem ter um Demonio familiar, que lhe falla á vista de todos os Felups, sem que seja visto por ninguem: este depois de ter recebido avultados presentes, faz ajuntar o Povo, trazendo todos uma boa porção de Vinho de Palma, que bebem em concurso: e no meio desta embriaguez geral o impostor faz fallar o seu Oraculo do canto de uma caza mui escura; e com varias cerimoniaes tão supersticiozas, como ridiculas, depois de ter resgatado a alma do enfermo, lha restitue pelo sovaco do braço, assoprando-a por um corno de vacca: se o doente melhora, foi devido á Magica de *Jambacoz*, se morre elle é tão responsavel por isso, como os nossos Medicos, quando não curam.

Em morrendo um destes embusteiros, não falta nunca o sobrinho, que deve succeder-lhe, em affectar uma grave doença, e no meio della entra a clamar, que o *Hiran* do *Jambacoz* que morreo o vem procurar para morar com elle: é logo acreditado, e fica sendo sem mais cerimoniaes *Jambacoz*. Não é necessario dizer-se que este emprego é rendozo; e muito mais por ter tambem ingerencia nos casamentos como adiante se verá. E' tambem na caza de *Jambacoz* que

existe o *Balafão*, especie de timpano de madeira ôcca com uma fenda a um lado de duas polegadas de largura, e dez ou doze de comprido, sobre o qual se bate com umas vaquêtas de páo, e com a modulação dos sons, que tem significações certas, se communicam a todos os vizinhos os avizos do Rei, sempre que isto é necessario, indo os mandadores do Rei, a caza delle para esse fim. Com tudo faça-se justiça aos Felups; alguns mais illustrados já hoje mofam em particular do diabolico poder do tal *Jambacoz*: e em geral (posto que não seja da minha competencia tratar taes assumptos) parece-me que não seria muito difficil a um Culto Extranjeiro fazer proselitos entre este Povo, pelo pouco que se interessa nas suas poucas cerimoniaes, e pelo muito que dezeja imitar os costumes dos Brancos naquillo que podem.

Os Felups crêem na Imortalidade da alma, e em outra vida depois desta, em que hade haver premio para os bons, e castigo para os máos; porém ácerca da qualidade dos premios, ou dos castigos, não tem idéas fixas.

Suppoem o Mundo tão eterno como o seu Author; e ácerca do principio da geração humana crêem, que Deos tendo creado primeiro a mulher e depois o homem, estes tiverão dois filhos, dos quaes um escarneceo de seu Pai por estar decomposto quando dormia, e o outro o reprehendêo: que deste bom filho nasceo a geração dos Brancos; do máo a dos Negros: não sabem porem o nome nem dos Pais, nem dos filhos; e por isso mesmo pode suspeitar-se que a historia dos filhos de Noé ouvida por elles aos primeiros Christãos, que alli se estabeleceram, tenha ficado transmittida de uma maneira barbara ás gerações que se tem seguido.

Não tem cerimonia alguma de Baptismo, nem mesmo poem nome aos filhos, senão depois que elles chegam a idade de fallar.

CASAMENTOS.

Os Felups adoptam a Poligamia, e

mudam de mulheres quando lhes apraz: com tudo um mancebo é sempre obrigado pela primeira vez a tomar por Esposa uma *Bajuda*, isto é, Donzella: tendo pois fixado a sua escolha, manda-a pedir ao Pai, e á Mãe, que são nisso pouco difficeis: obtido o consentimento, remette á Noiva um anel de cobre, dá parte a seus proprios Pais de que quer levantar caza; e com effeito começa, ajudado dos seus parentes e amigos, a fabricar a caza em que hade habitar; para o que, e para as mais despezas, seu Pai o fornece do necessario: feita a caza, compra uma porção de porcos proporcionada á sua riqueza, e os remette mortos, e chacinados, ao futuro Sôgro, o qual convocados todos os seus parentes, lhes dá parte do casamento de sua filha, e reparte por elles o presente recebido. No dia do consorcio envia o Noivo um pote de Vinho de Palma a cada uma das *Xinas* do lugar, para ser derramado e bebido. Em chegando a noite, o Noivo, e a Noiva se dirigem em companhia dos parentes ao covil de *Jambacoz*, e lhe offertam uma galinha, para que elle se digne tirar uma manilha delgada de ferro, que tanto o Noivo, como a Noiva trazem no pulso direito: tirada esta pela mão do impostor, a cerimonia está concluida, e o mancebo conduz a chamuscada Beldade ao seu aposento, donde se quiser, a pode no dia seguinte expulsar, e tomar outra, que outro tenha repudiado. Tambem se á Nympha lhe dê na cabeça fugir de caza do Pai na noite do casamento, o infeliz mancebo perde as suas despezas, e fica solteiro como estava. Nenhumas outras cerimoniaes precedem, ou seguem um consorcio Felup.

Os Pais da rapariga costumam dar-lhe em dote um panno preto guarnecido a seu uzo, e os enfeites de contas, manilhas etc. segundo as suas possibilidades; e na occasião da primeira gravidez um outro panno preto para cobrir o seio. O mancebo recebe de seu Pai uma porção de terras proporcionada á sua riqueza, e numero de filhos,

FUNERAES

E' uzo logo que alguem morre, darem uma salva funebre de tiros de espingarda: immediatamente se lhe arma de frente da porta uma especie de E'ça feita de páos cruzados á maneira dos thoros dos antigos: sobre esta se depozita o cadaver amortalhado em suas mais ricas alfaias, principalmente em *Pannos de Agulha* das Ilhas de Cabo verde (que compram toda a vida com avidez, posto que nunca os trajem, para terem bastantes quando morrem.)

Se o morto é mancebo, ou homem na flôr da idade, todo o povo se cobre de lama, e se repetem amiudadamente as salvas de espingardaria; se é mulher não se dão signaes de alegria, nem de tristeza; se é velho, ou velha todo o mundo se regozija durante o tempo das Exequias: estas duram da maneira indicada vinte e quatro horas, no fim das quaes, tendo aberto a cova no lugar que o defunto tinha indicado em vida (até dentro em sua propria caza se assim o tiver ordenado), a ella se conduz o corpo em umas andas. A cova não é aberta como as nossas: começam por cavar um pogo redondo de 8 ou 10 pés de profundidade, e alguns 15 de diametro: em um dos lados d'elle abrem uma pequena mina em que o corpo possa caber, e forram-a de taboas de *Cibe*: trazido alli o corpo descem-no ao pogo com muita honra (dando-se a ultima salva funebre): é introduzido na mina, tapada a entrada com uma taboa, e novamente atulhado o pogo. Não pode porem sepultar-se pessoa alguma em terras de lavoura; porque uma antiga tradição conta, que tendo-o feito assim em tempo remoto, quando foram depois a cavar, viram a terra cuberta de sangue. E' digna de notar-se uma pratica ridicula, de que uzam os Felups na occasião em que levam o corpo para a sepultura: no caminho um irmão, ou parente proximo do defunto o interroga em voz alta se alguem lhe dè feitiços, ou lhe fez algum maleficio?.. Se no acto de fazer a pergunta as andas em que vai o mor-

to correm á frente, a resposta é affirmativa; se recuam, é negativa: isto não carece de commentos. Os bens do defunto (se é homem, porque as mulheres nada possuem) são repartidos entre os filhos varões, e na falta destes passam aos irmãos, e sobrinhos, de maneira que as filhas, e viúvas nada podem herdar por ser o sexo feminino incapaz para possuir.

Se o defunto gozava de alguma Dignidade, essa é sempre herdada por sobrinho mais velho filho de irmã.

Sendo o defunto mancebo, acaba-se sempre a cerimonia com uma luta entre os mancebos da mesma idade.

Por muitos dias depois na caza do morto as mulheres cantam, e choram tres vezes no dia: o canto é uma especie de *querimonia*, no fim da qual o chôro é curto. Os parentes do morto uzam por signal de luto amarrar nos braços, nas pernas, e no pescoço, em vez de manilhas, ou contas, meadas de fio de vella, ou linha crúa.

GOVERNO, E LEGISLAÇÃO

O Governo dos Felups é, pelo menos na apparencia, Monarquico. Cada Aldêa tem um Rei, ou Magistrado, cujas funções se limitão a manter os uzos estabelecidos, que valem por Leis, tanto para o castigo dos crimes, como para os cazos do comercio estrangeiro; presidir ás reuniões dos Grandes e Povo, aonde se discutem todos os cazos de importancia, (nas quaes com tudo o seu voto não tem mais pezo, que o de outrem); e ser um perpetuo Medianeiro de Paz: elle não pode, em razão do seu Cargo, propôr jámais, nem mesmo consentir na guerra, a qual só pode ser feita ás suas escondidas, ou pelo menos podendo elle fingir que o ignora: não percebe tributo algum dos Povos; e o unico apanagio do Báculo Real é um pequeno campo, e os modicos presentes, que lhe fazem os Estrangeiros, que vem negociar. O Rei tem certo numero de Gran-

des, que chama os seus Soldados, e que não são mais que os Executores das Sentenças, dictadas pela Assemblêa popular, e mandadas executar pelo Rei: estes Postos são hereditarios; e não tem outra paga, ou emolumentos mais, que o quinhão, que lhes toca no producto das execuções: tem além destes, dois mandadores para convocar o Povo, quando o julga necessario.

Quando um Rei morre, passa o Báculo Real ao mais velho de seus sobrinhos; o qual entrando na Dignidade tem que dar um jantar publico, com que muitas vezes se empobrece: todavia os parentes costumam auxiliallo nesta despeza. O Rei com seus filhos lavra as suas terras, como qualquer outro; e os seus soldados lavram o campinho, que serve de Patrimonio á Caza Real. Em geral, a mais perfeita, igualdade reina neste povo livre.

Não se deve esperar todavia que um povo, que ignora inteiramente o uzo da escripta, e dos hieroglyphicos, tenha alguma especie de Legislação escripta, ou Código de Leis: os Felups estão nestes casos: elles não tem Leis, nem Juizes: uma convenção, que o uzo tem radicado, estabelece as quatro penas seguintes:

PARA O ASSASSINIO.

Demolição da caza; perdimento de bens; e degredo perpetuo da Patria.

PARA O FERIMENTO SIMPLES.

Compensação pecuniaria ao ferido, e degredo perpetuo.

PARA O FURTO.

Ser o roubador amarrado a um poste em algum lugar publico, até que o roubador venha desamarrallo, tendo recebido os objectos roubados, ou o seu valor.

PARA ADULTERIO.

Compensação pecuniaria do Adultero ao marido da Adúltera (quasi á Inglesa), o qual com tudo apanhando-os em

flagrante pode matar o Réo impunemente: a Adúltera não tem castigo algum.

Eis a que se reduz o Código Felup: o *Incivismo* é tambem castigado com multas pecuniarias, e arbitrarias.

Em todos os cazos o Rei tendo recebido a accusação de algum delicto, ou qualquer outra novidade importante, manda convocar os Grandes, e o Povo: naquella Assemblêa que se reúne em campo aberto, junto de alguma grande arvore, se discute a veracidade, e qualidade do crime se de crime se trata; e assentado o castigo, que lhe compete, partem os soldados do Rei para a execução, cujo producto pecuniario se repartem entre elles; no primeiro cazo; e nos outros cazos recebem Vinho de Palma em recompensa. Nos negocios de outra especie executa-se tambem pontualmente a decizão da Assemblêa.

HABITANTES

MORAL, UZOS, COSTUMES, INSTRUÇÃO, DIVERTIMENTOS etc.

Os Felups são ageis, e robustos em geral: as suas estaturas podem regular-se pelas dos habitantes do Sul da Europa: as suas physionomias são interessantes, e isentas das deformidades dos Negros do S. da Equinocial: os beiços grossos, e o nariz chato são accidentaes entre elles, como entre nós; e as suas feições differem tanto entre elles, como entre os brancos. Este povo é affavel, amigo dos brancos (sobre tudo dos Portuguezes); e tão hospitaleiro, que logo que um branco se hospeda na caza d'algum (honra mui disputada) toma immediatamente o tom de dono da casa; e o verdadeiro dono della, sua mulher, filhos, e parentes, são outros tantos criados, que se esmeram no serviço do seu hospede com a maior submissão, sujeitando-se ás reprehensões e a todo o trabalho necessario; e isto mediante pequenos presen-

tes, que é costume dar-lhes, e que dependem mais da generosidade de quem os dá, que da estipulação de quem os recebe. Esta facilidade porem é proveniente da virtude, e não de vileza: uma vez offendidos, são iracundos, bravos, e máos de apylacar; quando de animo repousado, tímidos; mas resolutos, e firmes no momento da cólera, ou do combate; de character franco mas desconfiados, logo que se lhes dê motivo para a primeira suspeita, e então a desconfiança os torna dissimulados: são teimosos; tençoeiros; curiosos de tudo quanto lhes é estranho; desejosos de imitar os usos estrangeiros, chegando mesmo a adoptar por imitação os nomes Portuguezes; e não só os dos homens, como os das cousas. São mui laboriosos; mas sabem mal repartir o tempo, e qualquer conversação insignificante é bastante para distrahi-los de um trabalho util. São incangaveis na Agricultura do seu arroz; porem ignorantes lavradores, aferados a máis rotinas; e possuidores de um terreno demasiadamente alagadigo. O furto é tão raro entre os Felups, que no decurso de um anno de rezidencia entre elles, não pude suspeitallos de uma só dilapidação: não deixam com tudo de ser interesseiros, e ás vezes importunos no pedir (sobre tudo aquelles que o pouco trato dos brancos torna grosseiros); porem sempre de uma maneira franca, e sujeitam-se sem rancor á negativa. Posto que sepultados na mais profunda ignorancia de todos os conhecimentos sociaes, com tudo o seu juizo é claro; e é mui facil convencellos, quando não tem razão; assim como instruillos, e civilisallos.

Os mancebos Felups, em quanto não casam, de ordinario andam nus com um pequeno avental nas partes, que a natureza ensina a cobrir, em cuja orla pregam botões, que o enfeitão, e embaraçam que fluctue: este avental é prezo em roda das verilhas com fios de contas de que tambem adornam o pescoço: os braços, e algumas vezes as pernas, são ataviados com manilhas de cobre, e latão: na cabeça usam os mais ricos um capacete de *cauris* furados,

enfiados em fio de vella, e por fim enleados na carapiuha com tal arte, que formam um casco inteirigo, e solido: os que não podem attingir a tal grandeza, contentam-se de pôr na cabeça quantas cousas de latão podem obter, como são escamas de dragonas, peças de candieiros e ás vezes penachos de pennas de galinha etc. Tambem pelos enfeites do avental se distingue a riqueza dos sujeitos, assim como pelo numero das manilhas, qualidade, e quantidade das contas. Os homens casados apenas conservam nos braços uma manilha delgada, e um fio de contas no pescoço, com algum anel de cobre no dedo; na cabeça de nada usam, senão chapéos, ou barretes, e o cabello cortado com diversos feitos: trajam pannos azues grossos amarrados na cinta, caídos ate o joelho; e servem-lhes de capa outros pannos brancos, ou listados, que se fabricam mesmo na Costa visinha; porem não são os Felups que os fazem: aquelles, a quem o commercio dos brancos enriquece, caprixam em ter longas vestiduras, ou camizollas de chita, ou de Zuarie com guarnição de baeta escarlate; e chapéos debruados da mesma baeta, para comparecer nas suas festas. As mulheres em quanto donzellas andam completamente nuas, e só adornadas de contas e manilhas: logo que perdem a virgindade, ainda que não cazem, devem cubrir-se com um ligeiro avental; mas em cazando trajam pannos pretos finos de Cabo Verde, debruados de baeta fina escarlate, salpicados da mesma, e de *cauris* cozidos em forma de estrellas: a riqueza dos maridos distingue-se na porção de contas, e de manilhas que sobrecarregam os braços destas miseraveis, chegando o luxo a causar-lhes nelles chagas pelo enorme pezo de cobre, e latão, que supportam: uzam tambem furar toda a cartilagem da orelha de roda; e cravejailla com contas espetadas em pinosinhos de latão. Tanto rapazes, como raparigas, em chegando á idade de cazar, aguçam os dentes da maneira a mais barbara: vão a casa do Ferreiro, que habituado já nesta operação, com talhadeira e martel-

lo afeiçoa ao uso da moda os dentes do malfadado, como poderia afeiçoar os dentes de um encincho, ou de uma fisinga. De resto, os costumes deste povo em nada são extraordinarios para uma Nação selvagem: veem-se entre elles mui raros aleijões, pelo cuidado que tem as Mães de abafar ao nascer as creanças, que vem defeituosas: não uzam de incisões, nem marcas no corpo: só capixam em rapar a cabeça de maneiras diversas, formando na carapinha figuras, ordinariamente de bom gosto.

Não me occupará grande espaço a instrucção dos Felups: ignoram dos conhecimentos humanos até o que muitas Nações barbaras conhecem: o aspecto do Céo nada lhes ensina: apenas conhecem as Lunações, e dessas só as Conjunções: não tem meio algum de figurar tradicionalmente os seus pensamentos, nem de memorar as suas Epocas: não contam, nem nomeam os mezes; e mesmo o dia primeiro de cada anno (que festejam) é amovivel á vontade dos grandes, com tanto que entre no novilunio de Novembro. A sua semana é de seis dias, cinco dos quaes empregam no trabalho, e o sexto em dormir, beber e lutar: taes são os seus divertimentos. Usam tambem de uma dança modulada ao som de tambor, mui semelhante ás de todos os povos Africanos. Das Artes apenas conhecem imperfeitamente a cultura do arroz, a Ferraria e a Olaria: os seus Ferreiros sabem igualmente trabalhar o ferro, o cobre, e o latão: até sabem fundir, e caldear estes dois ultimos, para delles fazerem as manilhas, que algumas vezes tem labores difficeis, posto que de máo gosto: de Carpinteria sabem quanto basta, para cavar um tronco de arvore em forma de Canôa, em que pouco se attende á perfeição.

As casas Felups são construidas de um barro, que em seccando é tão rijo como o adôbe: são quasi todas de forma circular, algumas mui grandes: tem todas ãa sala espaçosa, que abre communicação para varios quartos lateraes: se não tivessem tão pequenas as janellas, e portas (as quaes são todas á maneira de

postigos de portão de quinta, ou de Fortaleza); e se não cosinhassem dentro, seriam soffríveis: pelo de mais as paredes tem dez pés de altura: sobre ellas se forma um engradamento de estacas maiores, e menores, que sustenta um entulho de barro da mesma qualidade do das paredes: cresce depois uma nova parede de tres pés de altura, sobre a qual se forma um novo entulho; e sobre este a Cancra, ou telhado de palha de arroz, posta em muitas camadas, e cujas pontas chegam a altura de dois pés do chão, deixando em roda da casa um soalco cuberto, que serve para a preservar da inundação das chuvas: entre os dois entulhos de terra, o sotão que fica serve de Celleiro para guardar o arroz de uns annos para outros. A mobilia de um Felup é um couro, em que se deita; um buzio do mar, que lhe serve de candieiro; uma escudella de páo, em que come; as panellas de barro, em que faz a comida (que consiste em arroz cozido em agua e sal, e algumas vezes peixe, e marisco); algums cestos, ou *Cofos* (que tecem mui bem da palha de Cibe), que servem uns para guardar os seus pannos, outros para medir o seu arroz; alguma esteira para seccar o arroz; e uma tripega de páo para sentarse.

SOLO, CLIMA, PRODUÇÕES, E COMMERCIO

Os Felups possuem um terreno parte lodoso, parte arenoso; mas em toda a parte alagadigo, e cortado de rios, cujas inundações, e as do mar malograriam a cada passo os seus trabalhos ruraes, a não ser o cuidado infatigavel, que elles empregam por toda a parte, para se resguardarem de taes estragos, levantando diques, e cavando vallas: apezar disto muitas vezes o mar, rompendo todos os obstaculos (sobre tudo nas aguas vivas) inunda as *Bolenhas*, ou searas de arroz, que mais proximas lhe ficam; e arrebatada em um momento a esperança do lavrador: he por isso que os Felups tem a providencia de não vender jámais o arroz da colheita anterior, sem que a do anno actual esteja bem se-

gura, e quasi madura. A unica producção valiosa dos terrenos Felups é uma immensa quantidade de arroz ordinario, cuja cultura seria susceptivel de melhoramento, se os cultivadores o fossem de instrucção rural: este é semeadado em alfobres, ou viveiros; e dalli transplantado ás terras, em que produz, como se uza na Europa para com as ortaligas: conservam-o na palha de uns annos para os outros nos sotãos das casas, em que todo o anno dura um fumo insoffrivel: podem mui bem ser estas as cauzas da côr escura, que appresenta, pois que elle de seu natural é claro, posto que miudo. As arvores que mais trivialmente se encontram nestes paizes são o *Poilão*, de que fazem as Candás; o *Mangue* (bom para lenha); o *Cibe* (excellente para emadeiramentos de casas); e a *Palmeira* de cujo fructo se faz o azeite: é mui raro encontrar arvores fructiferas; não porque o terreno não seja proprio para tudo; mas porque os Felups a nada mais se applicão do que á cultura do arroz: resgatam-o com os Portuguezes, e Extrangeiros por ferro, polvora, tabaco, terçados Alemães, facas Flamengas, cobre, latão, pannos das Ilhas de Cabo Verde, quinquilharias, e alguma aguardente: e este arroz assim comprado, havendo o cuidado de o limpar bem, pode deixar algum lucro nos mercados da Europa.

Tambem vendem muito arroz ao Presidio Portuguez de Cacheo, e ao Gentio *Papel* em troca de vaccas pequenas, que criam, e em que consiste a sua principal riqueza.

Quando algum branco chega de novo a Bollor para fazer negocio, é do uzo mandar ao Rei um ou dois frascos de aguardente, e algum tabaco, rogando-lhe, que venha a casa do seu Hospede para pèr as medidas: elle vem immediatamente com os seus Soldados, e alli se ajusta o *Cofa* de arroz, que hade servir de medida para cada cousa: estes *Cofos* ficam guardados na casa do Hospede, ou *Camarada*; (c) e taes medidas nunca mais se mudam; assim como

não é licito mudar de *Camarada* sem motivo mui forte, o qual se hade expôr em uma Assembleia geral do povo a que se dá em *Crioulo* o nome de *Palavra*. Depois se faz o negocio com toda a segurança, e boa fé.

Os Felups negocção pouco em Escravos, pois que elles não escravisão pessoa alguma; e apenas servem de correctores dos Escravos, que lhes remettem do interior para serem vendidos aos brancos; mas estes são em pequeno numero. A porção de marfim que se pode encontrar neste paiz é insignificante, assim como a de couros, e cêra; mas a vizinhança em que está da Costa chamada Debaixo, fornece de todos estes generos o Negociante, que aqui se estabelecer.

O clima é quasi igual na dos outros sitios de Guiné, posto que menos sujeito a febres, por ser mui lavada esta paragem das virações do Mar, e não ter mattos em torno, além de possuir boas aguas.

Conhecem-se aqui, como em toda esta Região, só duas Estações; o tempo secco que começa em Novembro com as colheitas, e dura até o fim de Maio; e o tempo chuvoso, que começa em Junho, e dura até Outubro: o principio, e fim das aguas é sempre mui tempestuoso, e doentio: os mezes de Dezembro, Janeiro, e parte de Fevereiro são sujeitos a ventos Lestes mui fortes, que occasionam muitos catarros: a Lua de Julho é a das sementeiras, e a de Setembro a das plantações. O paiz é abundante de Galinhas, Patos, Porcos, e mesmo Bois, de que cada um pode custar em bons generos vendaveis de 4\$ até 6\$ reis: o custo de um Porco mediano pode reputar-se de 2\$ a 3\$ reis; e o de uma Galinha 60 reis; tudo em generos, como já disse, que levados da Europa deixão sempre um lucro de 100 por 100: faz-se em todo o paiz grande quantidade de Vinho de Palma, com que os naturaes se embriagam, quando não tem aguardente. Os Felups não cultivam legumes, nem ortaligas; mas o seu terreno é mui proprio para uma, e outra couza. Em geral esta Costa não é tão doentia como se suppoem;

(c) Assim se chama em Crioulo.

mas para viver nella é necessario regimen em tudo. As frutas do Paiz são a *Banana*, a *Papaia*, a *Laranja*, e o *Ananaz*; mas é preciso comprallas em outro chão; porque os Felups até agora nada cultivavam, senão arroz: é porém de esperar que brevemente terão de tudo, continuando os Brancos a viver-lhe na terra.

Eis-aqui o que pude colher dos costumes *Felups*, que diversificam algum tanto na forma do Governo, mas em tudo o mais se assemelham aos dos outros *Gentios*, que povoam as Costas da *Guiné Portuguesa*.

J. J. Lopes de Lima.



DA ORIGEM E PROGRESSOS DA POESIA DE PORTUGAL:

POR

Antonio Ribeiro dos Santos

(Continuado do Numero antecedente)

ARTIGO I.

SOBRE A CANÇÃO DE GONÇALO HERMIGUES.

A Canção, que aqui pomos na cabeceira de todas, parece ser de tempo e de Author conhecido, porque se attribue a Gonçalo Hermigues, filho de Hermigio Gonçalves, o *Luctador*, que no Seculo XII matarão os Arabes na batalha de Campo de Ourique (a) Era Cavalleiro da Corte de ElRei D. Affonso Henriques, mui signalado nas armas, e de quem no Paço se fazia grande conta, por ser alem de valeroso, de alegre conversação, e gentil pessoa, e de mui bons

(a) Havia em tempos passados muitas pessoas com o appellido de Hermigues. Veja-se o Nobiliario do Conde D. Pedro T. 39. Tafes pag. 214 e em outros lugares: julgamos ser Gonçalo Hermigues descendente de D. Toda Hermiges cazada com Egas filho de Moninho Viegas e parente de Hermigio Egas e de D. Moninho Hermiges, ambos daquelle tempo, de que falla D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Bispos do Porto C. I. Pag. 15.

ditos e motes que fazia: teve por sobre-nome o Traga Mouro, appellido que lhe deo o grande animo, e valor com que se havia extremado nas batalhas e recontros de guerra contra os Mouros, e nas correrias, e cavalgadas, que fazia em suas terras. Foi muito memoravel uma, que elle fez nos Campos de Alcacer do Sal, que aqui diremos, para melhor se entrar no conhecimento e intelligencia desta Canção, senão de toda, que assás he escura, ao menos de uma parte della.

Determinou-se Hermigues com alguns Cavalheiros, amigos seus, de correr a Villa, e deo sobre os Mouros em dia de S. João Baptista; dia em que, segundo o seu estylo, abertas as portas da Villa haviam sahido muitos Mouros e Mouras ao Campo e ao Rio, em som de festa, e de arraial. Foi mui travada a peleja, por que os nossos a principio mettendo-se muito entre os Mouros, e occupados em os matar, e captivar, não poderam ganhar a Villa, e ficar Senhores della; mas antes houve muitos Cavalleiros Arabes que com as marlotas nos braços, e os Alfanges nas mãos lhes fazião grande rezistencia, e trabalhavam por se defenderem a si, e aos seus, e muito mais depois que acudio da Villa toda a Mourisma de Cavallo que começaram a jogar as lanças com os nossos: e como Gonçalo Hermigues visse que convinha retirar-se e recolher-se com os despojos, não podendo levar tudo sem grande perigo, mandou aos seus que deitassem na praia alguns Captivos e mettessem os mais a toda a pressa nos bateis que para isso tinham promptos no Rio.

Entre os que ficavam em terra foi uma Moura (Fatima) de extremada formosura, que Gonçalo Hermigues havia captivado; e vendo que um Mouro de cavallo a tomava para se recolher com ella, e a pôr em salvo, voltou atraz e se foi em seu seguimento, e o apertou tão rijamente que o ferio e cobrou a Moura, com a qual se tornou mui ledo, havendo combatido algumas arremetidas, que os inimigos lhe fizeram na retaguarda.

Na repartição, que depois se fez dos despojos, escolheo elle para si esta Mou-

ra que ganhára, cobrando-lhe tal amor por sua notavel gentileza e galhardia, que acabando com ella renunciasse sua lei e se fizesse Christãa, a recebeu por sua mulher e lhe deo nome de Ouroana, ou Oriana Hermigues, que mui nomeada foi naquelles tempos (b) Por morte della se recolheu ao Convento de Alcobaga e nelle professou, dando-lhe alguns bens patrimoniaes, e entre elles uma herdade pouco distante da Villa de Ourem, na qual elle depois com mais cinco Religiosos, começou a fundar em 1171 um Convento e Igreja, a que muito ajudou D. Affonso Henriques com grossas esmolas e larguezas; que ainda hoje permanece com o titulo de Santa Maria dos Tamarães, aonde elle santamente finou seus dias. (c)

A formosa Ouroana he que Gongalo Hermigues consagrou esta Canção, uma das primeiras obras de nossas antigas Musas: (d) o que della temos consta sómente de tres ramos ou Strophes, cada uma de cinco versos, os quaes são pou-

(b) Ouroana he o mesmo que Oriana, e houve antigamente Senhoras deste nome, como Ouroana Martins, de que se falla em uma Escriptura, que vem nas Provas da Historia Genealogica da Caza Real Tom. I. pag. 165. D. Ouroana cazada com D. Moninho Hermiguez o Gasco, Mãe de D. Egas Moniz, que foi Ayo de El Rei D. Affonso Henriques. D. Ouroana Mendes de Sousa, cazada com Men Moniz. D. Ouroana Paes, filha de D. Payo Soares Correia o Velho: e D. Ouroana Pires, filha de D. Pedro Rodrigues de Pereira: das quaes falla o Nobiliario do Conde D. Pedro Tit. 36 e 39. pag. 187 195 214; e outras de que faz menção a pag. 256 357 366 371. Ainda hoje uzão ter algumas pessoas este nome.

(c) Veja-se Brito na Chronica de Cister Liv. VI. Cap. II. pag. 714 que conta isto mais largamente.

(d) Pelo que se tem dito claro fica, que esta Canção não pode passar para traz do Seculo XII, que foi o em que viveo Gongalo Hermigues, como o reconhecem Faria e Brito; por onde vem a ser inutil o arresoado do Padre Sarmiento para provar, que ella não era obra do Seculo XI, e o do Abbade D. João André para imougnar a Sarmiento, e a fazer anterior ao Seculo XII. (Tom. II. da Origem. Progr. e Estad. da Literat.)

co regulares pela desigualdade do metro, pela mistura de rima, e de assonantes em alguns delles; e pela falta, que ha disto mesmo em outros, que são soltos, e sem alguma consonancia.

A linguagem destes versos é muito antiga e cerrada, de maneira que Faria, desesperando de os interpretar disse, que se delles se entendia algumas palavras, o sentido não se entendia; e o que nem elle com ser tão erudito, nem outro algum dos nossos pôde até agora decifrar de todo, não seremos nós tão arremegados, que o pertendamos descobrir e declarar. Não faremos pois mais do que expor simplesmente as nossas conjecturas, como taes, nos passos mais escuros desta Canção.

Traz esta Poezia Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister Liv. VI. Cap. I. pag. 713, o qual a houve de uma antiga Memoria, em que vinha toda a historia daquelle feito: tambem a trazem Faria na Europa Portugueza Tom III. Part. IV. Cap. IX. pag. 379 e o Padre Sarmiento no seu discurso.

Vimos em tempos passados um Codigo MS. que parecia de letra do Seculo XV, em que se tratavam louvores da lingua Portugueza, em que vinha esta Canção de Hermigues, o fragmento do Poema da perda de Hespanha, e as duas Cartas de Egas Moniz com as cantigas a Goesto Ansur, e com variantes em alguns termos, que iremos notando em seus lugares competentes: este Codigo era da escolhida Livraria do Doutor Gualter Antunes, erudito Cidadão da Cidade do Porto, que no-lo mostrou; e delle copiamos as ditas obras. (e)

CANÇÃO

I

- 1.º Tinherabos, nom tinherabos,
- 2.º Tal a tal ca monta?
- 3.º Tinheradesme, non tinheradesme;
- 4.º De lá vinherasdes, de cá filharedes;
- 5.º Cá amabia tudo em soma.

(e) Por morte do Doutor Gualter Antunes não sabemos aonde foi parar com os mais MSS. livros e preciosidades de seu formoso gabinete.

II

- 1.º Per mil goivos trebellhando
- 2.º Oy oy bos lombrego,
- 3.º Algorem se cada folganga
- 4.º Asmei eu: porque do terreno
- 5.º Non ha hi tal percheço.

III

- 1.º Ouroana, Ouroana, oy tem por certo,
- 2.º Que *inha* bida do biber
- 3.º Se olvidrou per teu alvidro; per que em cabo
- 4.º O que eu ei de la chebone sem referta,
- 5.º Mas nom ha per que se ver.

NOTAS.

A^o QUINTILHA 1.^a AO VERSO 1.^o

Tinherabos, *nom tinherabos*: assim vem em Brito, e no MS. Portuense; Faria lê com separação; *Tinhe rabos*, *nom tinhe rabos*, como diversas dicções: o que é errado, da maneira porque elle as parte, pois que a partição houvéra antes de ser *Tinhera-bos*, *nom tinherabos*, que se escrevem unidas, assim como se pronunciam. *Tinhera* he terminação antiga do verbo *Ter* ou *Tener* no preterito mais que perfeito do modo indicativo no numero singular, que aqui está na primeira pessoa e corresponde a *Tivera*; e é aqui verbo activo e não auxiliar, e significa possuir: é dos fundamentaes de nossa lingua, e dos que com ella nasceram; e se derivou do Latino *Tenco*. Nos versos que vem em um antiquissimo cancionero MS. que existe no Real Collegio dos Nobres de que adiante fallaremos, se lê

E non tenades que vo-lo diges eu
Nunca será

Ome no mundo que tenna por ben.

Não temos achado exemplo desta maneira de conjugar em nossas antigas escripturas, mas certo a uzariamos, pois que a havia na lingua Gallega, que era uma mesma com a nossa; e ainda hoje se ouve mui-

tas vezes na boca de Nacionaes de Galiza, como temos observado. Neste lugar está pelo preterito imperfeito *Tinha*.

Bos: é o mesmo que *Vos*, Pronome Demonstrativo da segunda pessoa, que antigamente pronunciavamos com *B* em lugar de *V* consoante, como em Galiza se costumava, e costuma ainda agora; o que se acha frequentes vezes em nossas primeiras escripturas: traremos aqui para exemplo o lugar antiquissimo do *Flos Sanctorum*, que copiou D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Bispos do Porto P. I. Cap. II. *Caa sei sem falha, que por el meteo todo este bem, bos rogo que me ensinedes essa creença*. Em muitos lugares da Provincia de Entre Douro e Minho pronuncia-se ainda *bos* por *vos*, entre a gente menos polida e cortezãa.

Nom: isto é, *não*; particula negativa adoptadado latim *Non*, e mui usada na antiga lingua Gallega, e Portugueza; achando-se constantemente em nossos primeiros documentos e escrevendo-se já *Nom* já *Non*. Manteve-se esta pronunciação ainda em tempos mais modernos; assim por exemplo se escreve no Codigo Affonsino no Prologo do liv. I. pag. II. *Enom foorõ acabadas em seus dias. Nom aspode acabar*: e pag. 3. *Enom alçasse della maõ*: e pag. 4. *Que nom é achada antre toda las virtudes*: e assim por todo o Codigo, e ainda mais para cá se acha o mesmo em alguns dos Poetas do Cancioneiro de Garcia de Rezende, por exemplo em João Rodrigues de Sá na Versão da Epistola de Dido a Eneas de Ovidio pag. CXX. Est. V.

*Com que possas enganar,
De quem nom es conhecido.*

E na Est. VIII.

*E tal que melhor seria,
Se nõ fora tão sandia,
Estar sem elle atec fym,
Nom lhe quero mal porem.*

e na IX.

*Perdoa Venus aguora
Nõ des mais pena oo sentido*

e assim na Est. X. e em outras obras delle, e tambem *Non* como a p.CXXVII.

*Calle-se hum pouco, non tanja Tritão,
Abaste saber que mo non consentis,
Mas non mo queiraes poreu acoymar.*

Depois introduzio-se o som nasal dizendo *Nam* como se acha já em Garcia de Rezende, em Barros, e em outros mais; e tambem *Não*, como já vem em alguns Poetas do mesmo Cancioneiro, como em João Rodrigues de Lucena, Diogo Brandão, e outros; o que tudo aqui notamos, porque o não fizeram os nossos Dictionaristas. Em Gallego continúa a dizer-se *Non*, e entre nós ainda no Dialecto da Provincia de Entre Douro e Minho se diz *Nom*; o Castelhana diz *No*.

Entendidas assim estas dicções do primeiro verso, vem este a dizer: *Tinhabos, e não vos tinha*; com o que talvez alludia o Poeta, a que tinha captivado a Moura Ouroana, tendo-a tomado na primeira correria que frzera pelo Campo de Alcacer, por onde ella andava com outras Mouras e Mouros de companhia, e que a tornára a perder, quando ficando na praia foi retomada por um Arabe, que se hia recolhendo com ella para a Villa; ou tambem pode alludir ás escaramuças, com que elle e os seus no meio do ardor da contenda ora captivavam os Mouros, ora os perdiam, ou fosse os que os inimigos tinham vindo resgatar de suas mãos, ou fosse alguns dos Captivos que os nossos deixarão na praia pelos não poderem trazer todos consigo, quando recolheram os despojos nas barcas: e esta segunda interpretação conforma e combina mais com os versos seguintes desta Strofe.

AO VERSO 2.^o

Tal a tal: são termos conhecidos que aqui querem dizer *Este áquelle*, ou *para aquelle, um para um*, ou *um a um*.

Ca: isto é, *que*: é particula de junção, que assim se acha em antigos monumentos da lingua, pronunciando-se á maneira do Dialecto Galliziano. Tambem significava *porque* sendo Con-

junção elliptica, que servia para dar a razão de uma proposição que se havia proferido, e vinha do Grego *gar* donde a adoptamos, e tambem os Francezes, que ainda hoje dizem *car* (Alguns lembraram-se de a derivar do Latim *Quare*) Neste sentido se acha a cada passo em nossa antiga linguagem, e ainda no Seculo XVI em Barros, em Lucena, em Duarte Nunes, e em muitos outros de seu tempo.

O antigo Castelhana tambem dizia *Ca* em lugar de *que*, e *porque*, como nota D. Thomaz Sanches no Indice Alfabético ao V. 388. do Poema da vida de S. Domingos tom. II. pag. 488.

*Perdio la vision andaba embargado;
Ca ome, que non vede, non debie ser
uado.*

e o mesmo nota no Indice ao V. 864 do Poema de Alexandre tom. III. p. 370

*Ca de mi envidia, o tu muerte, quer-
ric
Si lion a tal nemiga nunca sossacarie.*

Ca tambem é Adverbio de identidade, ou vizinhança de lugar, que quer dizer *aqui, neste lugar em que estamos; neste lugar proprio e immediato a nós*; e neste sentido é, e foi sempre usado em nossa lingua e na Galliziana. Notamos tudo isto, porque para esta Nota havemos de remetter o Leitor na interpretação de outros lugares, em que vem este termo.

Monta: Brito poem aqui ponto de admiração; Faria de interrogação. O MS. Portuense lia *Assoma*, e sem os ditos pontos; o que concorda na consonancia com *Soma* do 5.^o verso, pois como se vê dos dois ramos seguintes, o verso 2.^o rimava com o 5.^o e era a unica rima, que havia em cada Strofe. Lendo-se *Monta*, é claro ser o tempo presente do modo indicativo do verbo *Montar* na terceira pessoa do singular, termo mui antigo em nosso Dialecto, e no Gallego; que entre outras significações tem a de *valer, importar, cifrar, resultar* etc. Nes-

te sentido o traz Gil Vicente no liv. I. das Obras de devação pag. 36.

*E cada um sabe, o que monta
Nas estrellas que olhou,
E ao moço, que mandou,
Não lhe sabe tomar conta.*

Lendo-se porem *Assoma*, como vem no MS. Portuense, é também claro ser o tempo presente da terceira pessoa do singular do verbo neutro *Assomar*, que significa chegar, apparecer no alto etc. o que mui usado é em nossa lingua, e desde sua mais sobida antiguidade, e tambem no Dialecto Galliziano.

Isto posto = *Tal a tal cá monta* = com ponto de interrogação, ou de admiração, parece dizer: *Um áum ou um para um que monta, que val?* O que não faz bom sentido: lendo-se porem *tal a tal cá assoma* sem interrogação, ou admiração, pode talvez interpretar-se *Um a um cá apparece, ou cá vai apparecendo; cá vem chegando; cada um se assoma e avança a seu inimigo*: tomando-se *ca* como adverbio de lugar, o que mais combiza com o verso 4.^o

De lá vinherades, de cá filharedes.

AO VERSO 3.^o

Tinheradesme non tinheradesme: é o preterito mais que perfeito da segunda pessoa do plural do modo indicativo do verbo *Ter*, ou como se dizia antigamente *Tecr* e *Tenner*, de cujo singular *Tinhera* acima fallamos; e se lhe ajuntou no fim o pronome *me*. Vindo a ser *Tinherades-me, non tinherades-me*, isto é, *Tivercis-me e não me tivercis*, que aqui se poem pelo preterito imperfeito *Tinheis-me, e não me tinheis*. Esta terminação verbal em *ades* era Galliziana, e a uzamos nós tambem desde o nascimento da lingua até os fins do Seculo XV, nas segundas pessoas dos verbos da primeira conjugação, que acabam no infinito em *ar*: era tambem muito frequente nas segundas pessoas do plural do tempo presente do modo indicativo; assim diziamos: *Alegrades* por *alegrais*: *Amades* por *amais*: *catades* por *catais*:

filhades por *filhaes* ou *tomaes*: *guardades* por *guardais*: *mandades* por *mandais*: *morades* por *morais*: *pensades* por *pensais*: *perlongades* por *perlongais*: *uzades* por *uzais*. etc.

O mesmo se praticava nas segundas pessoas do plural do preterito imperfeito dos verbos da segunda conjugação, que acabavam no infinito em *er*, de que aqui poremos este exemplo na Chronica do Condestable... *Senhor Irmão, amy parece que todas as cousas do mundo vos devia des esquecer e leyxar* C. 13 fol. 13 V.

Igualmente usavamos da mesma terminação nas segundas pessoas do plural do modo conjunctivo no tempo presente dos verbos da terceira conjugação, que acabavam em *er*, os quaes terminavam no indicativo em *edes*, e no conjunctivo em *ades*, ao contrario dos da primeira conjugação, que no indicativo terminavam em *ades*, e no conjunctivo em *edes*. Assim diziamos por exemplo: *façades* por *façais*, *mantenhades* por *mantenhais*; *tennades* por *tenhais*; *vejades* por *vejaís*: daremos dois exemplos dos nossos, por não amontoarmos outros: *E mando, que vejades esta minha Carta, e fazed-a comprir, e non sofrades* (Cod. Affons. liv. II. Tit. 14 §. 8. pag. 181) *E que ainda enaderiades mais antes que minguar em elles; e ora vos pedem por mercêe que lhes mantenades seus uzos* (Cod. Affonsino liv. II. Tit. 59. pag. 362) No Castellano havia o mesmo, como se vê nos versos de D. Afonso o Sabio no tom. II. da Biblioth. de Castro pag. 642

*Porque sempre vontade ajades.
De fuser por eta ben, e que tennades
etc.*

Tambem empregavam a mesma terminação nos preteritos imperfeitos da segunda pessoa do plural do modo conjunctivo, como na Chronica do Condestable C. 69. f. 58. *E parece-me que se de vosso são conselho tal nome tomastes: que ho deveriades cuydar melhor*. E nas Trovas de Alvaro de Brito no Cancioneiro fol. 32.

*Si fuerades ante vós
Na queste mundo nascida.*

Desta terminação em *ades* nasceo a do modo imperativo em *ade* na segunda pessoa do plural, de que são frequentissimos os exemplos; basta apontar estes do Nobiliario do Conde D. Pedro: *Qual vós quizerdes, tal filhade* = *Mandade li estes bons fidalgos, e leixade a nós a escolheita delles, e dade no la dianteyra* = *alegrade-vos, e esforceade os coraçoes.* (Tit. VI. pag. 31. 46. 47. 49.)

Quanto aos preteritos mais que perfectos em *ades* na segunda pessoa do plural do modo indicativo, a que pertence o de que tratamos presentemente, não nos lembramos de achar exemplo nos antigos: contudo é natural que nossos maiores segundo a analogia das suas conjugações dissessem alguma vez: *Alegrarades, mandarades, contarades* como se diz nesta Canção *tinherades, vinherades, filharades*: que se não apparecem estes exemplos em outra parte, podemos entender que o nosso Dialecto não estava então aperfeiçoado na sua Grammatica, e faria ainda pouco uso deste preterito, que certo é resultado de combinações mais adiantadas de uma lingua sobre as diversas relações e modificações das coizas: e é já observação de Grammaticos Filozofos, que as linguas primitivas pelo commum o não tem, supprindo-se a sua falta pelo preterito perfeito, ou com verbos auxiliares; e que ainda as actuaes, que o tem proprio, sempre se servem menos vezes delle, que do preterito perfeito.

Me: é claro ser aqui dicção separada, e pronome demonstrativo da primeira pessoa, que faz no dativo e accusativo do singular *me*; e ora se antepoem, ora se pospoem aos verbos: antigamente quando se pospunha, unia-se ao verbo sem linha de partição, e de maneira, que parecia formar com elle uma só dicção; o que tambem era analogo ao Vasconso.

Non: veja-se o que notamos ao primeiro verso.

Este verso pois *tinherades-me non li-*

therades-me, é contraposto ao primeiro *tinhera-bos, non tinhera-bos*, como dizendo em um: *Eu vos tinha, e não vos tinha*; e neste ao contrario: *vós me tinheis, e não me tinheis*. Pode parecer que o Poeta se refere á variedade dos successos da peleja, e quer dizer, que Ouroana no primeiro recontro, em que elle a cativou, ficára logo possuindo o seu amor, tornando-se de escrava Senhora delle; e que depois o perdera a elle, havendo ficado na praia, e partindo com o Mouro para a Villa: ou, o que friza melhor, que elle ora se achava muito mettido entre os Mouros, e como tomado delles pela multidão, que sobre elle tinha cabido; ora delles se desembarçava e desenvolvia, para que o não tomassem, que isto mais combina com o verso seguinte: *De lá vinherades, de cá filharades.*

AO VERSO 4.º

De lá: *De* é preposição bem conhecida, e primitiva de nossa lingua e adoptada do latim *De*.

Lá: Adverbio de lugar, que denota lugar remoto, d'alem, da outra parte, da outra banda, que corresponde ao latim *Illic*; e tambem é termo dos antigos de nossa lingua.

Vinherades: isto é viereis ou tinheis vindo = é o preterito mais que perfeito do modo indicativo na pessoa do plural do verbo *vir*, ou como diziam antigamente, *venir*, que tem a mesma forma de conjugação, que a de *tinherades* do verbo *ter*: é termo antiquissimo nos Dialectos Portuguez, Gallego, e Castelhana, e trazido do latim *venire*.

Ca: é aqui adverbio que denota identidade proximidade ou vizinhança de lugar, de que acima fallámos; e se contrapoem ao outro adverbio *la* que denota lugar remoto, mais longe, em mais distancia; e foi sempre termo proprio de nossa lingua.

Filharades: assim lê Brito, e o MS. Portuense; Faria lê *Filharedes*; o que é erro, porque o verbo na primeira lição está no Preterito mais que perfeito, assim como estão os antecedentes *vinhe-*

rades, e *tinherades* com os quaes concorre na mesma ordem; e na segunda lição viria a ficar no futuro primeiro contra a concordancia dos tempos dos outros verbos que estão no preterito mais que perfeito, e contra o sentido do verso, em que só se falla de preterito. E' dos primordiales da lingua, e significa tomar, apprehender; e neste sentido o traz Duarte Nunes de Leão na Origem da lingua Portugueza no C. XXII. p. 213. Era muito uzado no Gallego, e no Castelhana, em que se dizia *filhar*, e *fillar*, ao que nós diziamos *filhar*: basta ver as Cancões de D. Affonso o Sabio, que vem no tom. II. da Bibliotheca Hespanhola de D. Jose Rodrigues de Castro, em que vem *fillou* p. 634. *fillada* p. 635 e *fillarem* p. 639.

Acha-se este verbo a cada passo em nossos antigos livros, e escripturas; por exemplo, no Nobiliario do Conde D. Pedro *filhou-lhe muitos lugares* p. 11. n. 27. *filharão-lhe o corpo* p. 14. etc. no Codigo Affonsino e particularmente no liv. I. tit. 31. que é, das armas, como se hão de filhar, em que se diz: *filhar o alheio* = *filhar aos lavradores pão vinho*; e do mesmo verbo se usa no liv. II f. 60 § 4 e 5. e em outros muitos lugares: em Alcobaga, *filhar o tributo ou peita* ao C. 17. de S. Matheus V. 21.: em Bernardim Ribeiro que diz, *Cães de filhar* C. 35 p. 213. *O Usso tendendo as pontas das mãos para o filhar*: em Barros cão de filhar IV. 192: em Diogo Bernardes na Carta XXVII. p. 234.

*Ahi cada manhã não sois filhado
Do mercador do Xastre e Calceteiro.*

e em Jorge Ferreira na Eufros. *Rafeiro*, que no lo *filhe* (190) Hoje dizemos *filar*, *desfilar*, *fila*, *fileira*, e cão *defila* etc. Os Gallegos o mesmo. Vid. Castro 36. 35. 639. com tudo ainda dizemos *penhora filhada*, isto é, com apprehensão da coisa; e *filhamento*, que vem a ser o Foro de Fidalgo, ou o acto, por que alguém é tomado por Fidalgo da Casa Real, porque antigamente diziamos *filhar* por tomarem Foro de Fidalgo os moços ou pessoas para servir a El-

Rei, escrevendo-lhes os nomes com o Foro, em que os tomavam e a moradia, ou acostamento.

AO VERSO 5.º

Ca: pode-se tomar por adverbio = *nesta parte, desta banda, aqui*, ou por conjunção = *porque, por quanto*, que tambem usa o Francez, dizendo *Car*. Veja-se a Nota acima.

Amabia: assim lêem Brito e Faria; o MS. Portuense *Andabia*: do primeiro termo nada sabemos pelo não havermos até agora encontrado em nossos antigos documentos: poderia parecer que era o preterito imperfeito do verbo *Amar* e que se dizia *Amabia* por *amava*; com tudo não forma bom sentido neste lugar. O segundo parece ser o imperfeito do verbo *Andar*, escrito e pronunciado da maneira Galliziana.

Tudo: é a forma neutra do adjectivo *todo*, como *isto de este, aquillo de aquelle*, e o artigo *ello* de *elle*: e equivale a todas as coisas, e é dos primordiales de nossa lingua: combina com o latim *Totum*.

Em soma: tanto a preposição *Em* como o nome substantivo *somma* que correspondem ao latim *In* e *summa*, são terminos primitivos de nossa lingua: *somma* e *summa* tem entre outras noções a de ajuntamento ou muita quantidade; e neste sentido é muito uzado em nossos escriptores: citaremos sómente um para exemplo, que é Luiz Henriques na sua obra ao Duque de Azamos no Cancion.

Partio com a graça do que triunfando

N'arbor da Cruz alcançou victoria

Per mando do Rei que vai imperando

Per gram vencimento de eterna memoria

Os Reys presseanos myy dinos de gloria

Da India Arabia tambem d'Ethiopia

E outros que fazem em soma grama copia

Tambem significa *em breve*, como nas Trovas de Alvaro de Brito no Cancioneiro f. 32.

*Vos a filha de Sanctana
Nomeastes tam em soma*

Pelo que fica dito se poderá entender este verso *Ca andabia tudo em somma* quererá dizer = *porque* ou *cá*, *andava tudo de mistura*, em confusão = qual era natural no meio da travada peleja e escaramuça em que andavão os nossos com os inimigos.

NOTAS

A' QUINTILHA 2.^a AO VERSO 1.^o

Per mil: isto é *por mil*: o primeiro termo é preposição antiga muito uzada dos nossos classicos; que hoje dizemos *Per*, assim como diziamos *pera* e hoje *para*: o segundo é adjectivo numeral bem conhecido e tambem antigo; e correspondem ambos estes termos um á preposição latina *per* e outro ao adjectivo *mil-le*.

Goivos: palavra antiquada que significa gosos, gostos, prazeres, contentamentos, folgares etc. concorda com o latim *Gaudium* e *Gaudere*; o Castelhana dizia *Goyos*, e assim se lê nas cantigas de D. Affonso o Sabio que vem na Bibliotheca Hespanhola de Castro tom. II. p. 636. chamando-se ali *sette goyos da Virgem* ao que nós diziamos *sete goyvos da Virgem*: e por trazermos um exemplo, sirva este que vem no Documento 37 das Memor. do Sr. D. João I. p. 366. *E depois do Sermom digam-se sete missas cantadas á honra dos sete goyvos da Virgem Maria*. Deste nome haviamos forinado o verbo *Gouvar* e *Gouvir* por gozar, e o refere Duarte Nunes na Origem da lingua Portugueza; assim no Codigo Affonsino liv. II. f. 103 p. 544 se diz: *Fes Ley porque hordenou que nom gouvissem de taes privilegios* e no Tit. 109. p. 545. *E que elles nom podessem gouvir*.

Trebelhando: é Gerundio do verbo antiquado *Trebelhar*, brincar, saltar,

danças, baillar, correr de uma para outra parte, jogar: o Castelhana dizia *Trebejar*: vem do antigo nome *trebelho* brinco, jogo, e tambem peças do jogo do Xadrez, donde diziamos jogar os *trebelhos*. No antigo Castelhana achão-se frequentes exemplos; assim vem no Poema de Alexandre no V. 111. p. 16.

Cabalgo tu Caballo, e salio a trebejar

e no V. 738 p. 104

En uxo te pitanza bien, qual tu mereces

Una cinta que cingas pellota, con que trebejes

e no antiquissimo Poeta Macias nas cantigas em que se queixa de seus trabalhos (tom. I. da Bibl. Esp. de Castro pag. 312)

*Por ende dyrey de sy
Con cuidado que me crede
Un trebelho, e dyse asy:*

Entre nós tambem se achão exemplos: basta citar o Nobiliario do Conde, no qual se diz a p. 3. *Dom Enrique succedeo no Reyno a seu padre; e andando trebelhando; deu um do linhage de Mendoça com um tejolo etc.* E *trebelho* por pega do jogo do Xadrez o trazem entre outros Garcia de Rezende na vida del Rei D. João II. C. 100. p. 121 *Quisera jugar o enxadrez como sempre fazia por não dormir, e a bolla com os trebelhos estava ali e o tableyro.*

AO VERSO 2.^o

Oy, oy: Brito virgula, como vem no Texto; Faria lê sem virgulas: não temos achado este termo em nossas escrituras; parece ser Interjeição Galliziana *O'y, o'y*, por *o' o'* ou *oh! oh!* que exprime os sentimentos de prazer, de approvação, de admiração, de desejo, ou de ironia, como quando dizemos: *ó Deos! ó filho! ó maravilha!*

Bos: Faria lê *vos*, o que menos conforma com a antiga pronunciação Gal-

liziana, e Portugueza, que muito frequente era em converter o *V* consoante em *B*.

Lombrego: o verbo *Lombregar*, *Lobrigar*, *Lobregar*, ou *Lubricar*, que variamente se escreve, é ver alguma coisa mal distintamente, e da qual não discernimos tudo; alcançar com a vista o que lhe hia escapando. O Castelhana chama *Lubrican* ao tempo do crepusculo em que se vai misturando a luz com as trevas, e a nossa vista se desliza em não poder perfeitamente ver o que se nos põem diante em alguma distancia (Covarrubias Tesoro de la Leng. Cast.) e *Lobrego* lugar escuro do latim *Lugubris*, segundo Nebrissa. Uza entre outros deste verbo Francisco de Sá de Miranda na satyra 11. est. 25.

*Que de seus mysterios altos
Assim Lubricando veio.*

Machado na Comedia de Dio p. 29.

*Que se Lobrego algum Mouro.
Que se Lobrego o Mouras.
Oje estas festas Lobrega.*

e Godinho na sua viagem da India p. 135 *Lobrigamos para a parte esquerda um Arabio.*

Vem pois a dizer este verso junto com o primeiro desta Strofe, se por ventura não lhe erramos o sentido: *Brincando com mil entretenimentos, ah ah eu vos avisto* ou *vos deviso ao longe*; ou pelo dizer em verso:

*Por mil gostos entrelida
Ah! ah! eu vos avisto:*

no que parece que o Poeta quiz referirse ao tempo em que primeiro avistou a Ouroana na manhã da festa de S. João, quando ella andava em folgança na companhia de outras Mouras e Mouros pelos campos de Alcacer.

Ao verso 3.º

Algorem: pronome relativo de terminação neutra, antiquado: é composto de

Algo, antigo vocabulo que quer dizer alguma coisa: não se acha nos nossos Dictionarios, excepto no da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Vem este termo em nosso antigo Poeta Gil Vicente, que diz no liv. I. das Obras de Devação, ao Natal pag. 28.

*Por que alгорrem se mentêde
Eu a Damãa, que passou
Este braço me ganhou.*

e no mesmo livro I. 29.

E do Priol disse alгорrem.

e em Antonio Prestes no Auto 131. V.

*Hei mister hum anno e mez
Pera contar do que tem
Alгорrem
Do direito, e do invez.*

Se: assim lem Andrade, e Faria; o MS. Portuense dizia *de*. Do primeiro modo não faz bom sentido, ou se tome se por conjunção condicional, ou pelo presente do verbo activo *saber* na primeira pessoa do modo indicativo, pondo-se se por *sei* á maneira Galliziana, e Castelhana. Lendo-se *de* fica o sentido mais direito, e claro, como adiante veremos.

Cada: isto é, cada uma, adjectivo articular invariavel, que se uza com nomes substantivos no singular, ou como diz Bluteau, pronome masculino e feminino, que serve de singularizar as coizas, e as pessoas.

Folgança: brinco, jogo, prazer, divertimento, e tambem ocio, descango, repouzo: é vocabulo conhecido, e muito usado em nossa lingua entre antigos e modernos. O Castelhana dizia antigamente *folganza e folgancia*, hoje *Holganza*: assim no Poema de Alexandre V. 1470 pag. 210.

Los ossos, e l'alma an folganza maor

no V. 1602. p. 227

Folgaron todo un dia que non podien andar

e no V. 268. p. 33

La Arca de Noe ; onde fixo la folgancia.

AO VERSO 4.º

Asmei : preterito perfeito do verbo antiquado *Asmar*, que significava julgar, pensar, acordar, considerar, olhar com attenção, imaginar, presumir, julgar por conjecturas, ou estimativas, e neste sentido o entendeo Andrada. Não achamos este verbo usado nem em nossos Vocabulários nem em nossas escripturas, salvo no quarteto XI. da segunda carta de Egas Monis que adiante poremos, que diz

Ca bem podedes asmar

Qual ei sejo :

acha-se porém entre os Castelhanos no *Fuero Juzgo*, aonde Villadiego o tomou por pensar; e tambem nas *Partidas* na L. I. Tit. 3. Part. IV. *Asman*, *y sospechan los omes etc.* e no Poema do Cid, que vem na Collecção de Sanches tom. I. pag. 261. V. 352.

Assi lo han asmado, e metudo en carta

e no tom. II. V. 117. p. 123. e no tom. III. V. 55 p. 3. E tambem se acha *Osmar* por *asmar* como se vê dos versos 1026 1027. 1134, e 2043. No *Fuero Real* acha-se *asmamiento* por acto de julgar prudentemente lib. III. Tit. 15. l. 4. em *Palacios Rub.* *Asmadura* por juizo ou discricção propria da razão; o mesmo em *Argote de Molina* no *Indice* dos antigos Vocabulos, que vem no fim do *Conde Lucanor* C. 5. e em *Mingo Revulgo* C. 24.

Segun andan estas cosas

Asmo, que Lastres rabiosas

Lobas habran de venir.

No Cod. MS. de um Cancioneiro que

existe na Livraria do Real Collegio dos Nobres desta Corte, de que adiante falaremos, se diz em um de seus rimances

*E por aquesto podedes osmar
Que muy mal sejo faço.*

Mestre Rezende no livrinho da antiguidade de Evora no C. XVII. diz: *Cercou Tarifa, e ho seu poder era tanto que se non pode osmar o conto do poder.*

Nestas palavras pois = Algorem de cada folganga asmei eu = quererá dizer o Poeta = Destas folganças em que tu andavas pensei eu alguã coisa, isto he julguei poder tirar algum proveito.

Perque : Faria lê *Porque*; o que era menos uzado na antiga linguagem.

Terrenho : isto é terreno, casta de terra, chão do campo, que se cultiva, e tambem vento da terra: o Judeo Zacuto descrevendo o clima de Portugal em tempos de D. Affonso III. citado por Faria na Europa Port. Tom. III. P. IV. Cap. IX. p. 33 usa deste nome: *Foy no segre, quando pelas garrupas do terreno andarom os Portuguezes á feição de bestiaes*: Ainda em tempos mais modernos usou d'elle Lucena na vida de S. Francisco Xavier f. 463 col. II. *De todo outro arvoredo bem coberto o terreno.* Tambem se toma por vento da terra, como em Barros I. Dec. fol. 102. col. II. *Se fazia prestes para ante manhã com o terreno ir sobre elles*: em Manoel Godinho na Viagem da Ind. Cap. 4. fol. 15: *em Novembro ventão os terrenos*; e no Cap. 14. fol. 32. *Ventos terrenos.*

AO VERSO 5.º

Hí : Adverbio antiquado de lugar, o mesmo que *ahi*, *ali*, nesse lugar, nessa parte: combina com o latim *Hic* aqui, e *Illic* ali, e com o Francez *y*. Trazem-no nossas antigas escripturas muitas vezes, e d'elle uzaram frequentemente os nossos primeiros Escriitores: bastará citar um lugar do *Nobiliario* do Conde Tit. VII. *Hum dia entrou pelo Paço, e matoy hí o priva-*

do.....mas mandade hi estes bons Fidalgos de Portugal.....e eu yrey hi com elles, e ou elles venceráõ ou, eu hi morrerai com elles..... Mas eu quero hi ser.....e morreram hi Castellãos: 540, e morreo hi o Conde..... e D. Rodrigo Trojaz acandelou aquelles, que hi estavom..... ca hi foram os Castellãos vencidos p. 46. 47. 48. O Castelhanao tambem tinha o mesmo adverbio, como se vê entre outros documentos, no Poema de Alexandre (Collecção de Sanches tom. III.) em que se diz no V. 85.

La obra del escudo vos sobre bien cuentar.

Hy era diboxada la tierras, e la mar.

no V. 610

Hy estaban la tierras por poblar, e pobladas.

no V. 811

Hy estaban contrarios los tiempos por igales.

no V. 612

Hy verian los peces, quantos son en na mar.

e no V. 613

Eran hy los XII. signos del sol bien compassados.

Perchego: não sabemos a significação deste Vocabulo, nem o temos encontrado nos Authores Portuguezes, e Castelhanos: se se pode arriscar alguma conjectura, suspeitamos que será nome derivado de *Percha*, que em Castelhanao significa laço de caçar aves, (em latim *Pedica*) e tambem vara em que se punhão as aves que servião para a caça de Cetreria, a qual chamavão tambem *Alcandara*; e *Perchego* em composição denotara caça em geral ou caça com laço em particular. E assim quererá dizer o Poeta uzando de metaphora, que daquelle terreno não havia ali tal caça ou semelhante formosura, como a de Ouroana, que se podesse fazer extremos pela alcançar ou captivar.

NOTAS

A² QUINTILHA 3.^a AO VERSO 1.^o

Oy tem por certo: Andrada, e o MS. Portuense lem separadamente *Oy tem*; Faria une os dois termos, e diz *Oytem*: na primeira lição é a interjeição *O* ou *oh*, de que acima fallamos; e querera dizer *O! tem por certo*: *oh! tem por certo*; na segunda parece ser o mesmo que *Hontem*, adverbio de tempo; como se o Poeta fizesse esta Canção no dia seguinte ao da peleja e quizesse dizer: *Ouroana Ouroana, hontem por certo que minha vida etc.*

AO VERSO 2.^o

Inha: costumavão os antigos a dizer algumas vezes *inha* e *enha* por *minha*.....

Gil Vicente liv. I. Obr. de devaç. ao Natal p. 33. V.

Entraráa enha Sobrinha.

Simão Machado na Comedia de Dio, Parte I. p. 6.

Que pela alma d'inha may.

Porque d'inha parenteira.

A pezar d'inha may torta.

Pezar d'inha Dona a torta.

e em outros muitos lugares.

Bida, e *Biber*: isto é vida e viver, e assim lêm Andrada, e o MS. Portuense, o que conforma bem com a antiga pronunciação que ainda hoje é frequente na Provincia D' Entre Douro e Minho, em que trocados os sons se pronuncia *B* por *V*. Faria poz *vida* e *viver*, o que é pronunciação mais moderna, e das Provincias mais meridionaes de Portugal: o Dialecto Galliziano diz constantemente *Bida* e *Biber*.

AO VERSO 3.^o

Olvidou: assim lê Faria, e assim achamos no MS. Portuense: Brito lê *Alvidrou*; o que nos não parece certo; facil era a troca de uma letra; nem faça duvida que se dissesse *Olvidrou* em lugar de *Olvidou*, porque antigamente pro-

nunciava-se com variedade; assim nas Cantigas de D. Affonso o Sabio de Castella em Gallego, e Portuguez, que traz Castro na Bibliotheca Hespanhola tom. II. p. 633 se diz *obridar* por *olvidar*.

*E pois viu seu marido
Obridou seus pezares,
E com muytas saudes
E muytos abraçares.*

e no Poema da vida de S. Domingos se acha *oblidar* tambem por *olvidar*.

Amigos la almosna, nunca la oblidedes.

Seguindo pois a lição de Faria, e do MS. Port. *Olvidrou* é o mesmo que *olvidar*, isto é, esquecer, derivado do Latino *oblivisci*, *oblivio*; com o que quer dizer o Poeta, que a sua vida se esqueceo do viver, isto é que elle se esqueceo do perigo, que corria a sua vida. Nos nossos não achei *Olvidar*, salvo nos modernos, que o tomárão dos Castelhanos; mas certo que em tempos antigos o uzariam, pois que tambem o Castelhanao antigo o tinha usado, dizendo *olvido* esquecimento; *olvidar* esquecer; *olvidado* esquecido; *olvidadizo* o que facilmente se esquece, e de *olvidado* usa já o antigo Poema de Alexandre na colleção de Sanches tom. III. p. 85 V. 609.

Non avic Achilles el duelo olvidado.

Alvidro: nome antiquado, que significa arbitrio, determinação, resolução de sua propria vontade, acção livre; vem do latim *arbitrium*; e assim dizemos *alvidar* por julgar, taxar: *alvedrio* por sentença do juiz louvado; *alvitreiro*, *alvidramento*, *alvidrador* e *alvidro*. Alcobaga na vida de Christo II. 67. *Todo o homem foi criado livre, e posco Deos em livre alvidrio*: a Infante D. Catharina na Regra.... *Nem se commette ao alvidro de qualquer*. No Documento 37. das Memorias do Sr. D. João I. p. 369. *E quem nom tiver escarmento no Corpo segundo alvidro do Juiz, ou em na forma ante dita etc.*

Em Cabo: isto é, em fim, ou no fim, por fim, no remate; termo muito frequente entre os antigos, e modernos. Vej. Nobiliario p. 182.

AO VERSO 4.º

O que eu: assim poem Faria e o MS. Portuense; Brito o que *ou*; em que se vê, que *ou* é *eu* que facilmente se alterou em uma letra, se não é já que antigamente se pronunciava em algumas partes com mais rudeza, e aspereza o pronome *eu*; certo que algumas vezes temos ouvido a pessoas de Galliza pronunciar *ou* por *eu*.

Hey: presente do modo indicativo na primeira pessoa do verbo *Haver*, que aqui não é auxiliar, mas activo; e significa ter, possuir, alcançar, de que usamos ainda hoje; dizendo por exemplo: *hey grande amor: hey grandes dezejos*, etc. Tambem usava da mesma terminação o antigo Castelhanao, como se vê entre outros lugares do Poema de Alexandre no V. 187. p. 27

Del mal sabor, que hey, non vos lo puedo decir.

Cebone: Brito, e Faria são concordes neste vocabulo, que nós não podemos entender nem achar em escritura alguma. O MS. Portuense lia *Chacone*; e sendo assim alguma intelligencia se pode dar; *Chacone*, ou *Chacona* era certa dança muito airosa, de que usavão os Hespanhoes, palavra certamente antiquissima na lingua, pois que no Vasconso, Dialecto do primitivo Idioma de Hespanha, se acha *Chocuna* e *Chucuna* que significa coisa polida, e airosa, como o era esta dança. (Larremendi no seu Vocabulario Trilingue). A lêr-se pois *Chacone*, querera por ventura dizer o Poeta em sentido metaforico, que o que elle tirou daquella dança ou folgança, isto é daquella acção e faganha militar, foi a melhor, que havia, que era a formosa Moura Ouroana, pois que, como ali se diz, não havia mais nada daquelle terreno para se ver, e cubiçar do que ella.

Referta: nome antigo, que denota repugnancia, contenda, disputa, e porfia; donde diziamos *Refertar* por contradizer, oppor-se, controverter, contender, e *Referteiro* por teimoso, porfioso etc. Acha-se muitas vezes em antigas Escripturas, e é frequente ainda entre os Escritores dos dois Seculos XV e XVI: por exemplo em Alvaro de Brito que diz:

*Tenho-vos bem rrefertados
Todos meus merecimentos
E perco meu rrefertar*

(Cancioneiro p. 31. V.) e em Ferreira que tambem diz na Egloga III. p. 78

*Sentei-me: eis s'ergue entre elles
grãa referta.*

e em Barros Dec. II. fol. 84. Col. 4. *Sem referta pagou, o que era obrigada etc.* Tambem a tinham em uso os antigos Espanhoes, como se vê do Poema de Alexandre no V. 35. p. 6.

*Dabal grant reverencia, non quiso
refertar.*

no V. 87. p. 13.

*Tanto echaba de lumbrẽ, e tanto re-
lampaba,
Que vencia la Luna, e al Sol re-
fertaba.*

AO VERSO 5.º

Mas nom ha: assim lê Faria, e o MS. Portuense: Brito lê = *Mas não ha*; o que não conforma tanto com a antiga pronunciação da linguagem Gallega, e Portugueza, em que se dizia *Nom* e *Non*, de que muitos tempos depois se usou ainda entre os nossos.

Per que se ver: isto é não ha mais para se ver.

(Continuar-se ha.)

Antonii Feliciani de Castilho

GALATEA: CARMEN.

ADVERTENCIA PRELIMINAR.

O fragmento latino que se vos offerece sob o titulo de Galatea, he huma tentativa e nada mais: e quem mo quizesse haver a ostentação, não só mostrára quam pouco me conhece, mas ainda com atrocissima injuria me aggravaria. Discorridos são hoje mais de dez annos, depois que deseioso de refrescar lembranças de conhecido com as Romanas Musas companheiras e alegria de minha infancia, me dei ao passatempo de metrificar em latim, já os pensamentos que primeiros me occorrião, já algum episodio de minhas proprias obrinhas; sendo assim que esta Fabula de Galatea a trasladei do Poema da *Festa de Maio*, no meu livro da *Primavera*. Sei bem que não ha hoje, e especialmente por cá, leitores para o latim, sendo a final chegado o prazo de com razão, e sem o minimo escrupulo, se poder chamar a tal lingua morta e enterrada: sei mais que, inda mal, não respondem estes meus versos ao que eu anciãra que elles fossem, e nem valem mais que uma boa parte dos ahi impressos na custosa Collecção de Poetas do nosso Padre Reis; e com tudo, a despeito destas duas tão fortes razões, e tão valentes para me deverem dissuadir, convim em que tão pobre cousa se desse á estampa. Será, segundo muitas vezes se escreve em Prologos, para incitar ingenhos a fazerem melhor? não. Pois será, como tambem em Prologos se usa de escrever, para que os Aristarchos me ensinem o que, o como, e o por onde devo corrigir e melhorar? menos; que não sei eu de um só que se hoje ocupe com semelhantes vaidades. Como por tanto me livrarei da desmerecida taxa de presumçoso? confessando, como tambem em Prologos se costuma, mas desta vez com verdade, que o faço por obedecer a desejos de pessoa, com quem muito me importa estar em tudo bem.

Antonio Feliciano de Castilho.



GALATEA :

Carmen, ex Lusitano Latine redditum.

Assiduis, juvenes, proscindite flumina remis,
Dum vacat et picto lætos juvat ire phaselo;
Intereaue meo vestrum fallente laborem
Carmine, Romanas percurram pollice chordas.

Nereidas inter quondam pulcherrima Nymphas
Nympha fuit Galatea maris: cui lilia mixtis
Ore rosis, flavæque comæ, roseique labelli,
Cæruleoque oculi placido fulgore micantes,
Et sinus albenti in scopulis albentior unda,
Qualem nec Paphiis habuit quæ regnat in arvis.

Tertia post decimam vernantia tempora brumam
Floruerant, postquam vitali vescitur aura
Nympha; nec in terris, aut cælo, aut æquore toto
Est quæ formosis ausit contendere formis.
Multi illam juvenes, multi petiere deorum,
Undique blanditiis et laudibus insidiantes,
Nulli illi juvenes, nulli placuere deorum.

Hanc pater undisono sub gurgite in antra vocavit,
Amplexumque dedit, tremulisque sedere coegit
In genibus, tales fundens post oscula voces:
» Filia, tempus adest pueriles linquere ludos:
» Non te pulchra latet, qua subjicis omnia, forma,
» Tene latet quantis fugiendi viribus, instant
» Qui toties, laudesque ferunt, gressusque sequuntur?
» Crede patris canis et amori crede paterno,
» Quò plus obsequiis, quo plus sermone placebunt,
» (Parce seni juvenem patri non grata monenti)
» Hoc magis incautæ protendent retia formæ.
» Filia, tempus adest pueriles linquere ludos:
» Sit tibi cura meos posthac delphinas in undis
» Pascere, perque salum deformes ducere phocas;
» Non bene pigra tuis ignavia convenit annis.

Dixit: et e patrio discerpta coralia ponto,
Cuspide inaurata, pastoria munera, virgam
Tradidit, atque pecus natæ commisit habendum.
Est virides inter Nereus quibus imperat undas
Valle locus tuta, nec divo pervius ulli,
» Hic maneat, dixit, te sæpe deinde revisam. »
Arrisit, natamque pater sine teste reliquit.

Haud semel ignifero radiarant lumine currus,
Phæbe tui, dum læta pecus Galatea marinum,

Gurgitis inter opes, viridanti paverat alga.
 Interdum æquoreis linquens armenta molossis
 Ibat, et in calathos modo tinctas murice conchas,
 Et modo lucentes baccas contenta legebat.
 Ver erat, et pictos zephyris mulcentibus agros,
 Mense renidebat tellus lætissima Majo;
 Aureus in liquidæ Sol brachia Thetidos ibat.
 Deserere ima maris, solum conscendere littus
 Ausa fuit virgo, non sic reditura sub undas.
 Summa petens scopuli viridi sub rupe recessit,
 Unde fretum, terrasque lubens circumspicit omnes.
 Hic sedet, et pascens animos novitate locorum,
 Miratur, facilesque oculos fert omnia circum.
 Ut mediis vidit formosum fluctibus Acin
 Æquora jactatis tranantem cana lacertis,
 Versibus abstinuit, versus nam forte canebat;
 Erubuit, turbata silet, suspiria ducit;
 Nunc subeunt jussus, subeunt hortamina patris;
 Jam cupiat tutis fugiendo immergier undis,
 Nec potis est cupiens, et littore perdita inhæret:
 Nunc libet et tacito cautæ latuisse sub antro,
 Donec arenoso mutarit littore fluctus
 Discedensque puer securam liquerit oram;
 Pænitet inde fugæ, sistit, mavultque videri.
 Corpora, cæruleas inter candentia lymphas,
 Quam numeris perfecta suis! quam fortia pulsas
 Devegetantur aquis! quam multa est gratia nantis!
 Quam bene suffuso sua membra liquore teguntur,
 Quam bene disperso nudantur eburnea ponto!
 Cuncta tenent oculos, in cunctis Nympha moratur.
 Interdum propius sensim vestigia ponit,
 Nec propiora tamen fieri vestigia sentit.
 Quisque prius sparsis volitaverat aura capillis,
 Nescia cur fingat, vel collo dividat apte,
 Dividit illa tamen, studioque indulget inani.
 Hinc littus petit, ac vultus speculari in unda,
 Et quanquam ipsa sibi pulcherrima tota videtur,
 Pulchrior exoptat fieri, frustra que laborat.

Interea juvenis, jam fessus nasse, redibat,
 Et prope jam fulvas manibus tangebatur arenas:
 Illa fugit, trepidatque, et rupe reconditur ima.
 Hic latet, et votis contraria vota rependens,
 Nunc patris hortatus, et nunc reminiscitur Acin,
 Et rubet, et pallet, nec vultibus hæret in isdem.

Haud mora: nudus adest, antrumque Simethius intrat
 Acis, ut abjectas repetat sub tegmine vestes.

Quid remi cecidere, quid ó cessatis amici?
 Nonne retro refugisse ratem, dumque ora tenetis,
 Aversam in portus sentitis abire relictos?
 Instaurate opus, ac totis incumbite remis:
 Quo pœnas detis, dictis nihil amplius addam.

ODES ANACREONTICAS

DE

João Vicente Pimentel Maldonado.

Ode Anacreontica.

Amor e só Amor.

Se de ingentes bens na posse
 Arima vencer tentasse,
 E tal dita grangeasse,
 Ouvira a muitos dizer:
 » A Fortuna quanto póde!
 » Quem não se lhe hade render?

Se na flor da mocidade,
 Tendo accesso a mil Bellezas,
 Afortunadas emprezas
 Lhe fosse sacrificar;
 Sendo acceito, me dirião:
 » A vaidade a fez amar.

Se os gostos seus fomentasse,
 E socio dos seus recreios
 Podesse por estes meios
 O seu amor conseguir;
 Haveria quem dicesse:
 » Quer-se, talvez, divertir.

Se, a grande emprego elevado,
 Meus votos c'roados vira,
 Com quanta razão ouvira
 Cheio de um justo temor!
 » Paixão de fausto e poder
 » Mil vezes se diz amor.

Mas quem a vir ameigar
 Com tal extremo os meus ferros,
 Dando a meus antigos erros
 Um generoso perdão;
 Não verá n'isto o modello
 Da mais sublime affeição?

Grilhões meus abençoados,
 Mal sabe quem vos lastima
 Que a minha celeste Arima
 Em flores vos transformou;
 Que a morada do infortunio
 De prazeres povoou!

Cadeia do Limoeiro:
 23 de Março de 1832.

Ode Anacreontica.

O Talvez.

Arima, quando contemplo
 Que vales tanto, e eu tão pouco,
 Considero-me bem louco
 Em teu amor procurar:
 Mas, talvez, minha constancia
 Um prodigio possa obrar.

A meus ais, nos versos meus,
 A quantas cousas te digo,
 A resposta que consigo
 E' um silencio fatal:
 Mas, talvez que nisto mesmo
 Haja mais bem do que mal.

Certos ares de indifferença
 Em ti são tantos, e taes,
 Que em mil angustias mortaes
 Me tem feito submergir:
 Porem talvez que ao desfarce
 Se devão attribuir.

Na solidão tanto afinco
 Inculca n'alma rigor:
 E' certo que um serio amor
 Se compraz na solidão;
 E talvez tal sentimento
 Domine em teu coração.

Com pequeninos ciumes
 Já te quiz exp'rimantar,
 Mas ninguem póde notar
 Em ti algum dissabor:
 Talvez que ás leis te cingisses
 De hum severo pundonor.

Se meus fados pranteaste
 Com tão singular ternura,
 Sempre vi que a desventura
 A' piedade te moveo:
 Mas talvez que com mais força
 A minha te enterneceo.

Confesso que muitas vezes
 Atormentado me sinto,
 Vagando no labirinto
 De tristes cogitações:
 Tenho por mim hum — Talvez:
 Contra mim — Muitas Razões.

Cadeia do Limoeiro: 14
 de Abril de 1832.

Ode Anacreontica.

O Novo Cavalleiro.

Bem louco fui quando ria
 D'esses Guerreiros famosos,
 Tão leaes, e tão briosos,
 Com quem Amor exercia
 Seu despotico poder:
 D'hum Palmeirim de Inglaterra,
 Tão fiel, e tão constante,
 D'hum Florendos tão amante,
 Qual outro não teve a Terra.

Bem louco fui! Eis-me agora
 D'elles grande apaixonado!
 Ser tão fino namorado,
 Não ter mais que huma Senhora
 He o que manda a razão.
 Cuidar só no seu amor,
 Sem hum momento cessar,
 He, conforme o meu pensar,
 Saber do tempo dispor.

A formosa Polinarda
 Que extremos não produzio!
 Que corações attrahio
 Essa altiva Miraguarda,
 Da Lusitania esplendor!
 Bem hajas meu Palmeirim,
 Tuas lidas bemlograste:
 Bom Florendos, muito esp'raste,
 Porem venceste por fim.

No valor não vos imito,
 Nem mesmo imitar quizera,
 Taes proezas não fizera;
 Cuidadosamente evito
 Entrar em contestações:
 Mas no amar tão desvellado,
 Em serdes tão verdadeiros,
 Ah!, meus bons Cavalleiros,
 Serei o vosso traslado.

Entre imagens deleitosas,
 Entre esp'ranças lisongeiras,
 Passaveis noites inteiras
 Pelas florestas umbrosas,
 Em ternas cogitações.
 Eu n'este sepulchro imn easo
 Da opprimida liberdade
 Só na minha Divindade,
 Só na bella Arima penso.

Hum sorriso, hum modo affavel
 Bastava a ter-vos contentes;
 Que nas paixões mais ardentes
 He de prego inestimavel
 Hum passageiro favor.
 Sete luas tem volvido
 Sem que eu veja a minha Bella;
 Só co'a linda imagem d'ella
 Me tenho aqui entretido.

A prol do querido Objecto,
 Que vos trazia enleitados,
 Quaesquer diff'rentes cuidados,
 Qualquer outro albeio affecto
 Sabieis sacrificar.
 Não vos cedo; Arima tem
 Produzido taes portentos:
 Gostos, accões, pensamentos
 Tudo consagro ao meu Bem.

Cadea do Limoeiro: 23
 de Maio de 1832.



MEMORIA

SOBRE A PROVINCIA DAS ILHAS DE
 CABO-VERDE.

(Continuada dos Numeros antecedentes.)



Os Officiaes de Justiça não andavam mais acceiados do que os outros, e quando era preciso juntarem-se em Camara appareciam 5, ou 6 farrroupilhas com grandes varas nas mãos; quando agora tem seus vestidos pretos muito acceiados, com suas capas. No corpo militar de linha, á excepção dos Officiaes, os mais não tinham signal do que eram. Os soldados não tinham armas correspondentes ao seu numero: tal havia, e de sentinella, que para differença do seu posto tinha um cano d'espingarda: outro um pedaço de cano amarrado á caixa com uma corda de banana, ou de nona; outros com uma coronha sómente, etc.

Hoje porém é verdade que os soldados andam ordinariamente rotos, e sem

uniformes, porque se lhes guardam para apparecerem, como apparecem, mui acceados nos dias de festividades, revistas, etc.: mas então mesmo andam descalços, marchando assim, pelo costume do paiz, com mais firmeza, e fazendo com menos incommodo o serviço. (i)

Precos ordinarios d'alguns Artigos na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago.

Gallinha mansa 150 — 6 ovos 20 —
Leitão 400 — Perú 750 — Boi 8000 —
Vacca 5000 — Porco 5000 — Burro 2000
— Cavallo 15000 — Carneiro 600 — Ca-
bra 600 — Milho, alqueire (é mais do
dôbro de Lisboa) 600 — Feijão, alquei-
re 300.

Cidade da Ribeira Grande.

Dista quasi 3 leguas da Villa da Praia, á borda do mar, no S. da Ilha de S. Thiago. Toma o nome de uma Ribeira, que a atravessa, que tendo nascido em *Maria Parda*, em distancia de pouco mais de um quarto de legoa, se mette logo no mar. Tem porto, porém não para Embarcações grandes, apenas seguro para lambotes, (1), e outras Embarcações pequenas. Consta, que antes da Companhia do Grão Pará, e Maranhão, era melhor aquelle porto; porém como a casa principal da mesma Companhia era na Cidade, os navios, que alli chegavam em lastro, e sahiam com carga lançavam ao mar as pedras de lastro, entupindo-se assim o porto, e expondo as embarcações a Ratos. (2)

(i) O Governador Chapuzet em 1822 disciplinou esta má tropa, e lhe d'ou um aspecto verdadeiramente militar. De 1827 para cá a disciplina se tem perdido; mas ainda se conservava um resto de acceio militar. — Muito se deve esperar nesta parte do novo Governador *Marinho*.
L. de L.

(1) E' como um Hiato mui pequeno, de coberta, que carrega, conforme a sua grandeza, de 3 até 8 moios: servem sómente para a navegação entre as Ilhas, e em bom tempo. A sua etimologia é *longos botes*.

(2) Chamam-se assim as pedras, que roam os cabos, e a propria madeira das Embarcações nos ancoradouros.

Esta Cidade, se ainda tem nome, é porque conserva a Cathedral, a Misericordia, e um Convento de Capuchos da Provincia da Soledade. Tudo o que não é estes tres Estabelecimentos está em terra, ou mui proximo a isso.

A mesma Misericordia está tão arruinada, que para se compor necessita de certo maior despeza do que se faria com um edificio novo, mais adaptado aos seus fins, em lugar mais commodo, e mais util. Esta Misericordia tem Hospital, que agora (22 de Setembro de 1818, em que fui áquella Cidade), tem 6 doentes, mas sem Medico, sem Cirurgião, sem Boticario, em casas muito mal reparadas, etc. (1)

A Companhia do Grão Pará, e Maranhão estabeleceu-se na mesma Cidade da *Ribeira Grande*. Seguiu-se áquella Companhia a Sociedade *Exclusivo*, que fez o seu assento na Villa da Praia, em casas, que ainda hoje existem, bem que mui arruinadas.

Os Bispos das Ilhas de C. V. residiam em outro tempo na mesma Cidade da *Ribeira Grande*; mas os ultimos quatro que tem havido n'este Bispado, tem preferido outras á residencia da Cidade.

Qual será a razão porque as principaes personagens foram abandonando a Cidade da *Ribeira Grande*? Um desembarque e saque dos Francezes em 1712 — a sua pessima situação — e o seu máo porto: eis-aqui os grandes motivos.

Em 1712 os Francezes, tendo desembarcado na Praia denominada *Ribeirão das egoas*, que fica proxima á Villa da Praia, que então defeza nenhuma tinha, e que era uma mui insignificante Povoação, se dirigiram por terra áquella Cidade; e como não encontrassem obstaculo algum, invadiram-na, e a saquea-

(1) Possuido das mesmas idéas do A. (que são totalmente convincentes), o Prefeito *Martins* em 1834 transferio para a Villa da Praia a Misericordia, e seu Hospital (não sem grave opposição de muitos interessados na antiga desordem), e observou-se, que logo no primeiro mez entraram no Hospital 11 doentes, de que nenhuma morreo.

L. de L.

ram. Os habitantes intimidados, e receiando outro desembarque metteram-se pelo interior da Ilha, e os mais d'elles não voltaram para a Cidade.

A situação da Cidade da *Ribeira Grande* no S. da Ilha, é no fundo d'uma *Ribeira*, igualmente chamada *Grande*, que corre de N. a S. a metter-se no mar. Esta *Ribeira* mui estreita, e bordada de altissimas serras, está dividida em muitas hortas, mui cultivadas, e povoadas de arvores de muitas, e diferentes qualidades; havendo alli a cana d'assucar, o coqueiro, a tamareira, a bananeira, a laranjeira, etc.

A Cidade situada no fim d'esta *Ribeira*, é quando ella desemboca no mar, parte dos seus edificios estendendo-se para E. e O. tem janellas para a banda do S., e algumas sobre o mar: mas todos os edificios tem da parte do N. elevadissimas montanhas de pedras tão grandes, e tão sobranceiras á Cidade, que tem succedido destacar-se alguma, rodar pela montanha abaixo, e levar diante de si no fundo della quanto encontra, seja parede, ou o que fôr. N'aquelle lugar da Cidade ha restos de grandes edificios, que sem excepção de um só, estão todos reduzidos a ruinas. A parte da Cidade, que fica a E. da embocadura da *Ribeira* no mar, tem da parte do N. a grande Montanha, em cujo cume se acha a Fortaleza Real (construida pelos Filippes): sendo por esta montanha, e junto á Fortaleza, já mui arruinada, que passa a estrada da Cidade para a Villa da Praia. E' n'esta parte da Cidade que se acha a Cathedral, e os seus Ministros.

O porto já em outra parte se mostrou que é pessimo.

Uma povoação pois situada em uma baixa, em que entesta o sol da parte do Meio dia, que se acha abrigada dos ventos nortes por montanhas grandes, e não interrompidas senão pela *Ribeira*, e essa mesma termina a um quarto de legoa em altas montanhas tambem; a qual *Ribeira*, regadia, mette na Cidade vapores, que em paiz tão quente, não podem deixar de ser, e a experiencia tem effectivamente mostrado que são, mui

necivos; uma povoação quasi debaixo de montanhas de pedras taes que quando se destacam arruinam quanto encontram, e cujas paredes em tempo de chuva estão sempre humidas pela parte de dentro: uma povoação, que na maior parte está, em toda a baixa, abrigada dos ventos até de E. a O., cujo porto não serve para embarcações grandes: uma povoação, digo, em tão desagradaveis, e até perniciosas circumstancias, ainda prescindindo de outros accidentes, como o saque, que houve pelos Francezes, incendio do navio, que para alli transportou um Bispo, não podia deixar de esperar-se que fosse pouco e pouco abandonada; e hoje apenas mostraria a situação, em que esteve, se não fosse a Cathedral, a Misericordia, e o Convento dos Capuchos, que é quasi unicamente o que alli resta.

A Cathedral é uma boa Igreja, mas está um pouco desmantelada, tendo aliás bem com que se conserve: e a razão será talvez esperar-se a sua trasladação para outra Ilha, á qual S. Santidade annuo já pela sua Bulla = *Pater Misericordiarum*.

A Misericordia da Cidade da *Ribeira Grande* é um Edificio mui velho, começado a arruinar, e que cedo estará todo em terra. Este estabelecimento de Caridade é rico, mas o seu local pessimo para a saude: não ha alli Medico, nem Cirurgião, nem botica; e quasi não ha já povoação, cujos doentes alli se tratem, nem pobres, cujas necessidades se soccorram. Estas, e outras considerações fazem esperar que tal e tão util Estabelecimento venha a trasladar-se d'alli. Deve ficar na mesma Ilha de S. Thiago, tanto porque os seus fundos alli são, como por serem os seus rendimentos applicados ás necessidades de seus habitantes.

A Villa da Praia é sem contradicção o lugar para onde deve trasladar-se a Santa Casa da Misericordia: a população é a maior de todas as povoações da Ilha, por isso mais doentes haverá em necessidade de tratar-se no seu hospital: maior numero de gente, por quem se distribuam esmolos: ha um Cirurgião,

e uma Botica. No Hospital da Misericórdia podem então ser tratados os soldados doentes com melhores accomodações, e menos despeza da Fazenda Nacional. O porto da Villa da Praia é mui frequentado d'embarcações nacionaes, e estrangeiras, e é o unico da Ilha a que ellas vão. (*Lêa-se novamente a Nota I.*)

O actual Provedor da Misericórdia da Cidade da *Ribeira Grande* é o Governador e Capitão General; Escrivão o Chantre da Cathedral; Thesoureiro Luiz Antonio Esteves Freire, Capitão da companhia d'Artilheria da Villa da Praia: quasi todos os irmãos da meza são da mesma Villa; e a Irmandade é por toda a Ilha.

Entre muitas reflexões a respeito da Misericórdia da Cidade da *Ribeira Grande*, vi escritas as seguintes, que me parecem mui justas, e que seriam talvez o motivo da eleição de tal Provedor; reflexões, que me parecem ter lugar a respeito de todas as Misericórdias.

» Os fundos da mesma Santa Casa se não arrecadavam porque os Officiaes da Meza, que n'ella serviam, eram os devedores, o que igualmente acontecia á maior parte dos proprietarios, que tambem o eram por juros, ou por foros; e para que os que lhes succedessem tivessem para com elles a mesma condescendencia, ninguem fallava em dividas, nem paga do que á mesma Santa Casa pertencia: de maneira que estava quasi na impossibilidade de resurgir d'este abismo, visto que os rendimentos da mesma Santa Casa estavam espalhados, e retidos nos devedores, e emphyteutas, as obrigações da Santa Casa por cumprir, e as outras que se satisfazião por pagar, e o que mais é, os pobres sem refugio, nem consolação.»

Em quanto os Provedores das Misericórdias forem dos habitantes das povoações, em que ellas se acham estabelecidas, hão de ser mal arrecadados os seus rendimentos. Ninguem quer em 3 annos, ou menos da sua Provedoria, ganhar o odio, ou má vontade dos seus vizinhos, com quem hade viver sempre.

Rendimento da Santa Casa da Misericórdia da Cidade da Ribeira Grande.

Foros	504 \$ 648
Juros	531 \$ 893
Dizimo dos cabritos, pouco mais ou menos	120 \$ 000
20 arrobas de assucar, dando cada uma das 10 Freguezias da Ilha 2 arrobas; calculadas cada uma em 3200 pouco mais ou menos.	64 \$ 000

Somma 1:270 \$ 541

Além d'isto, tem muitas vezes esmolas consideraveis.

Tinha na Cidade ruas inteiras de casas, que lhe rendiam bom dinheiro: esse artigo porém de receita findou, porque as casas estão todas em terra, ou proximas a isso: nem uma se arrenda já.

Os legados não cumpridos, que por lei pertencem aos Hospitales, não ficam na Ilha, mas são remetidos para o Hospital de S. José de Lisboa, ha cousa de tres annos.

Nem esta Misericórdia tem, nem ha povoação alguma da Provincia das Ilhas de C. V. que tenha Casa d'Expostos. As Mães criam em todo o caso seus filhos; em regra geral não se envergonham muito d'isso: as escravas são alli muitas, é rarissima a que casa. Os filhos das Escravas são em proveito dos senhores das mãis.

Não ha em toda a Capitania outra Misericórdia, excepto uma Igreja na Ilha do Fogo com esse nome, mas sem rendimento para praticar nenhuma obra de Caridade.

No Art. Villa da Praia ha em extracto um Alvará a desauthorisar a Cidade, e a contemplar muito a Villa.

Ilha de Santo Antão.

E' de todas as de C. V. a que fica mais ao N.

Distã 48 leguas da Ilha de S. Thia-

go, e 3 para quatro da de S. Nicoláo. Tem 12 leguas de comprido, e é lançada ao N. N. E.

Tem tres portos: a saber o dos *Carvoeiros* na face de E. da Ilha, bem fronteiro ao porto de S. Vicente, e foi o primeiro do que se fez uso na Ilha: tem seus ratos de pedra, mas é bom para todo o tempo. — O do *Tarrafal* na face de S.O. da Ilha, mais limpo, e ainda melhor Bahia que a dos *Carvoeiros* para todo o tempo. — *Ponta do Sol*, de todos o mais frequentado hoje, por ser mais visinho das povoações, posto que com máo desembarcadouro, e com seus ratos de pedra.

Tem outros portinhos pequenos para pequenas embarcações.

Esta Ilha é uma das maiores, e melhores da Provincia. A doação da mesma, que se devolveo aos bens nacionaes por morte do ultimo Marquez de Gouveia (a quem pertencia o rendimento do algodão, anil, vinho, sangue de drago, aguardente, e outras produções, em que é abundante) foi o motivo de ser toda ella povoada de escravos, que ficaram livres por Decreto de 1 de Janeiro de 1780.

E' regada de muitas ribeiras de boa agua: tem muito rosmaninho, que servindo em grande parte de sustento aos gados, são por isso as suas carnes mui saborosas. Ha n'esta como em outras Ilhas, matas de limoeiros e limeiras azedas.

Dizem que ha barrilha na Ilha de Santo Antão.

N'esta mesma Ilha faz-se cal, e ha uma fonte de aguas ferreas.

(Continuar-se-ha.)

SCIENCIAS MILITARES.

NOVO SYSTEMA DE PONTÕES :

MEMORIA APRESENTADA A' SOCIEDADE
POR

Francisco Pedro Cleslino Soares.

No stado actual dos conhecimentos militares, e segundo o modo porque as

operações da guerra tem lugar, é indispensavel que os exercitos sejam acompanhados por systemas de pontões, que facilitem a passagem dos rios, ou ribeiros consideraveis: mas o enorme embaraço que cauzam os comboios, a despeza que exigem, assim como o importe de tantos objectos, são obstaculos de primeira ordem, que convem diminuir quanto possivel, afim de ultimar luctas terribes, que tanto mais sangue e sacrificios custam, quanto mais se prolongam.

Já o Auctor da Statica da guerra, procurando minorar os inconvenientes que acabamos de apontar, se lembrou de couza semelhante áquella de que nos occupamos, porém o seu methodo não nos parece livre de difficuldades; porque a canastra ou ossada de ferro que se hade vestir com uma capa de couro, é de grande volume, e tem um certo pezo que sobrecarrega o systema: além disto, as costuras que unem as diversas peças da capa de cada pontão, é um mal consideravel pela facilidade com que podem permittir a passagem da agua (*); e sendo cada pontão formado de um só parallelepipedo, roto este será preciso substitui-lo por outro; o que, segundo nosso parecer, acontecerá amiudadas vezes, e poderá ser causa de grandes desastres, principalmente em operações precipitadas, sejam offensivas, ou de retirada. Attendendo pois a todas estas causas, nos lembramos do seguinte meio. (*Veja-se a estampa.*)

Cada pontão será composto de quatro até seis odres de pelle de Boi (**), sendo a parte anterior ou pescogo, adaptada a uma peça de madeira grossa com uma cavidade em torno, na qual a pelle seja perfeitamente ligada com tiras da mesma materia: terá tambem uma argola de ferro com tornelo, que servirá para passar a amarra: o orificio posterior será fechado similhantemente, e te-

(*) Estas rupturas são frequentes nas mangueiras das bombas empregadas na extincção dos incendios.

(**) Os Gregos transportam o seu azeite nesta qualidade de odres, substituindo-os ás pipas.

rá um tubo de metal com torneira: desta peça de madeira á anterior passará uma cinta de couro (c) larga e forte, que será cozida a duas outras (bb) na altura das pernas e das mãos: cada uma destas ultimas tiras terá uma fivela em que virá entrar o extremo correspondente, depois de passar pelas aberturas (aa) da vigota OP, que terá nestes lugares duas peças de ferro simicirculares, muito bem parafuzadas, a fim de melhor sustentar os odres, evitando que elles saiam da posição conveniente.

Isto posto, é claro o modo de estabelecer a ponte. Com um folle de grandeza conveniente (***) se encherão de ar os odres pelo tubo da peça posterior, e tendo-os assim preparados, se ligarão ás vigotas OP da ponte: depois, unindo duas destas, ou systema de vigotas e de odres, se parafuzarão nas outras FF, e á medida que a ponte se for formando, se lançará ao rio.

Não julgamos necessario descrever as mais operações, por serem communs a estas, e pontes de barcas ou de pontões.

Vejamos agora a simplicidade deste systema. Se qualquer odre se romper, ou tiver qualquer desastre, nada mais facil do que desfivelar as tiras (bb), o que se faz de cima da ponte, levantando algumas taboas, tirar o odre, e substitui-lo por outro, que se acabará de encher de ar logo que esteja no seu lugar (****): tudo isto se faz sem ser preciso decompor parte da ponte, como seria necessario com os pontões ordinarios, ou com os indicados na Statica da guerra.

Este meio póde servir para formar jangadas, pontes volantes, etc.

A despeza de construcção não é grande, o transporte muito ligeiro em comparação daquelle que exigem os pontões actuaes, a manobra de lançar a ponte,

(***) Cada trem será fornecido com um numero sufficiente de folles, segundo a extensão dada a cada ponte.

(****) Deve haver uma porção de mangueira com suas peças de metal, que parafuzem no tubo dos odres e no pipo do folle, porque assim é facil introduzir-lhes o ar de cima da ponte.

e de a recolher, muito facil, pois é claro que um homem, ou quando muito dous, podem desfivelar cada odre, despejar-lhe o ar, e lança-lo sobre o carro. Assim julgamos que a nossa ideia não será impugnada, e muito principalmente antes que a pratica mostre inconvenientes que pela theoria não temos podido descobrir.

Dir-se-ha destes pontões, que lançados na presença do inimigo ficam muito sujeitos aos tiros ainda de fuzil: responderemos, que a substituição é muito facil, como acima dissemos, e que ainda no proprio lugar é possível tapar a ruptura, usando dos botões que servem para o mesmo fim nos odres ordinarios, e tornando a encher de ar o odre depois de vedado: pelo que as vantagens ficam ainda do nosso lado.

NB. Os parafuzos N devem ser fixos nas vigotas OP, a fim de simplificar a composição e desmancho da ponte: as fêmeas serão quadradas para se atarraxarem com uma chave D, a isso apropriada.

A porção m—F decada vigota será rebaixada, a fim de que a fêmea não augmente a altura.

Não entramos em mais detalhes por nos parecerem ociosos á vista das figuras, e para não tornarmos esta Memoria desnecessariamente extensa.

Lisboa, 14 de Maio de 1836.

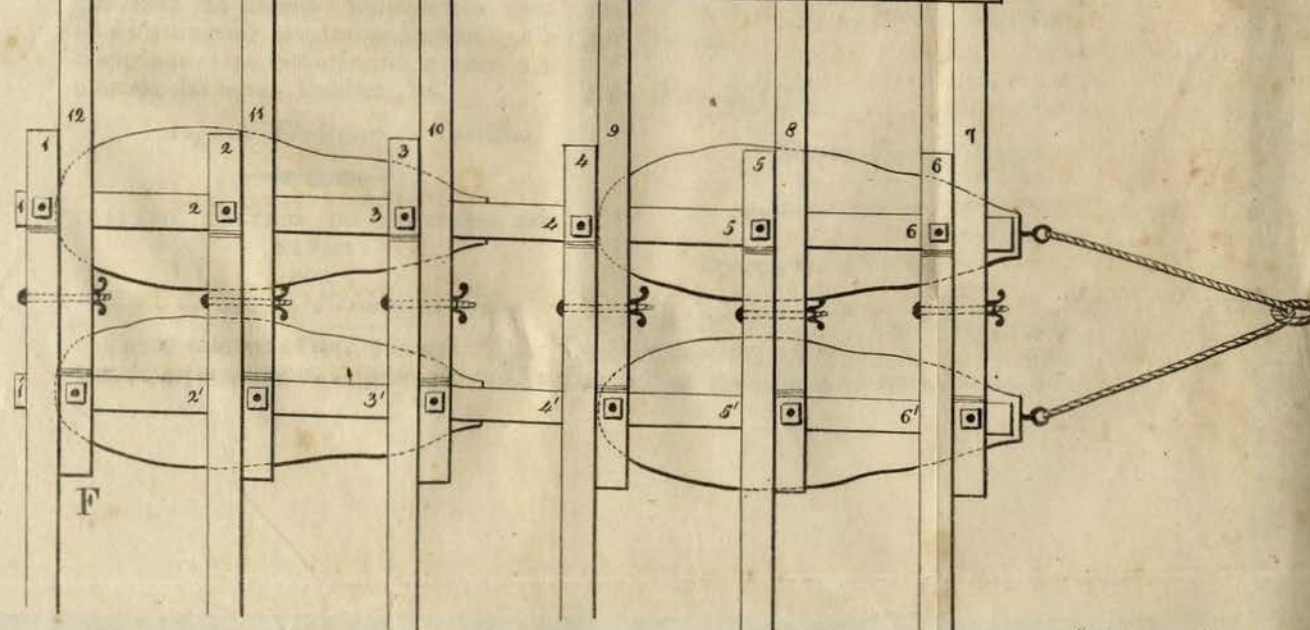
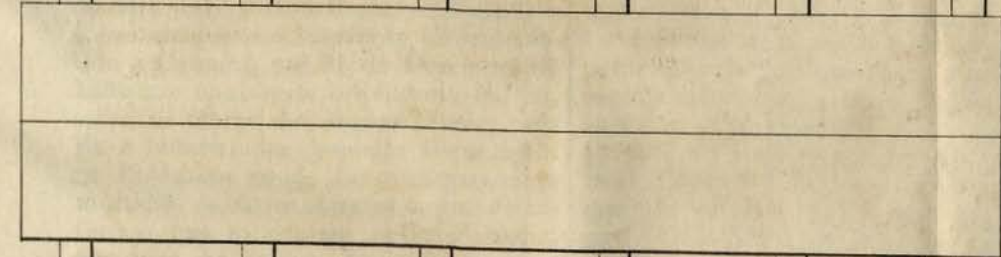
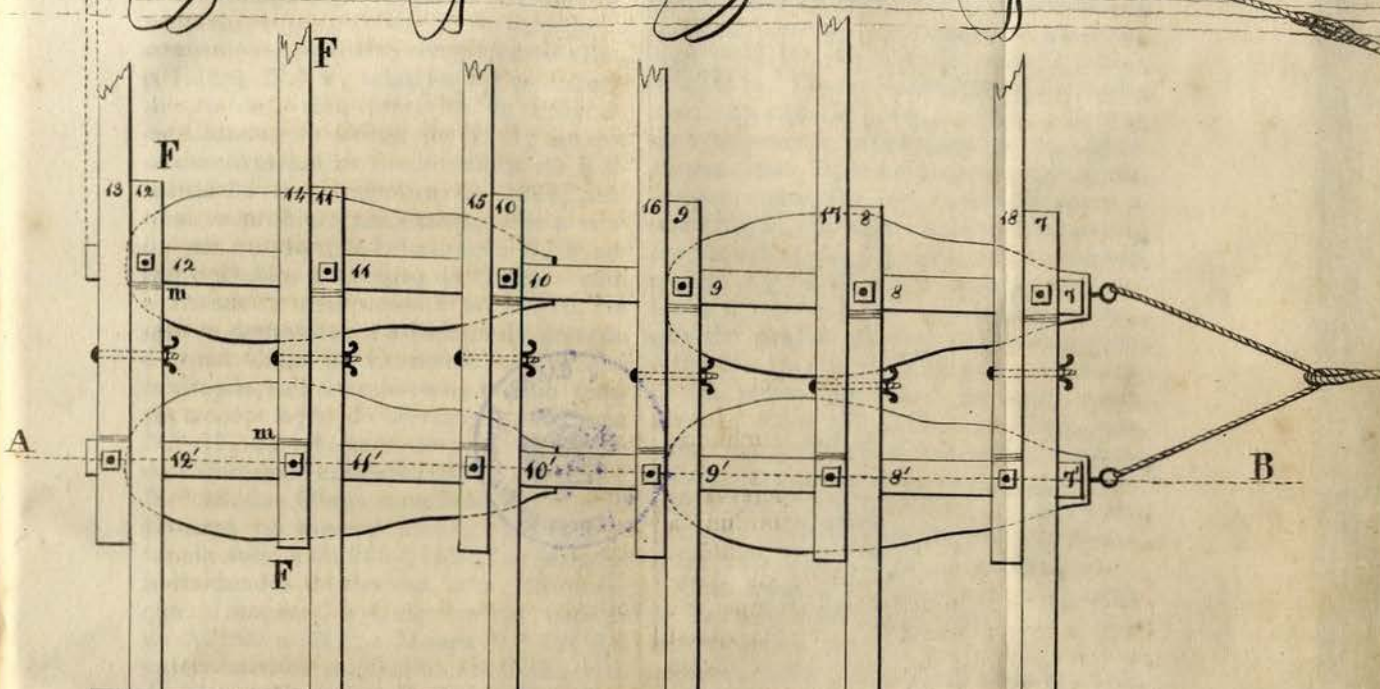
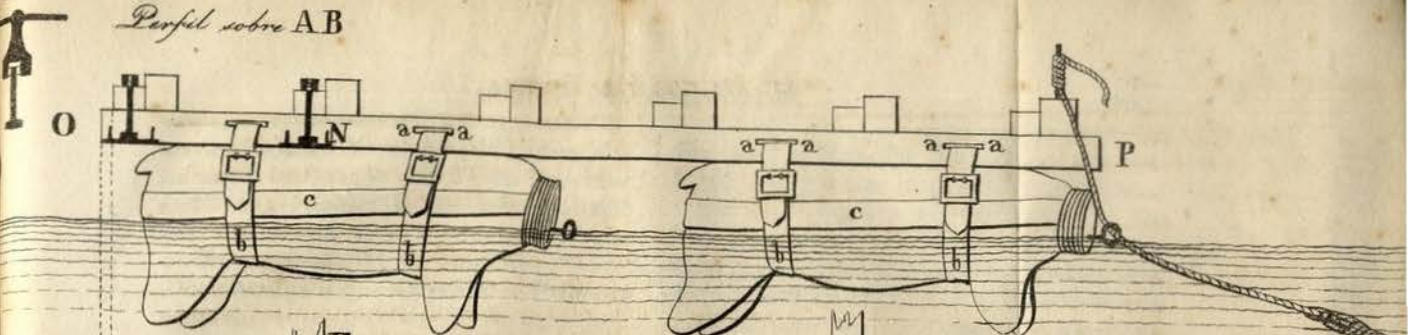
PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS.

SYNOPSIS

DOS PRINCIPAES ACTOS ADMINISTRATIVOS
DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM
1835.

LISBOA, TYPOGRAF. LISBONENSE:
1836.

E' um interessante folheto em 4.º de 77 paginas, dividido em duas Partes. Na primeira expõem-se chronologicamente a serie dos principaes trabalhos da bene-



merita Camara Municipal de Lisboa, desde a sua instalação em 31 de Dezembro de 1834, até ao fim de Dezembro de 1835, por um modo claro, exacto e conciso. — Na Segunda Parte contem-se varios Documentos a que se refere a Primeira, e outros cuja publicação se considerou conveniente. Distinguem-se entre elles, o Edital N.º 2, relativo ao reconhecimento da divida preterita da Fazenda da Cidade = a Conta de N.º 3, em que se desenvolvem os fundamentos do Edital de 30 de Dezembro de 1834, pelo qual se prohibio aos estrangeiros a venda por miudo = a Informação N.º 9, sobre o Debito e Credito da Camara com o Estado = a Representação N.º 10, em que se demonstra a utilidade da creação de uma Caixa de Economia, cujo Plano se propõe, sollicitando-se ao mesmo tempo a cooperação do Governo = o Mappa N.º 17, da receita e despesa do Coffre da Camara no anno de 1835 = a Relação N.º 18, das Obras mandadas fazer pela Camara no mesmo anno, cuja importancia sobe a 50:235 § 160 = os Mappas individuos da despesa com Illuminação, Limpesa, e Calçadas da Cidade de N.º 20 a 23 = o Mappa N.º 24, dos enterramentos praticados nos Cemiterios do Alto de S. João e Prazeres, desde Outubro em que esta inspecção foi commettida á Camara, até 31 de Dezembro de 1835 = e finalmente o Relatorio N.º 25, sobre as Obras das Aguas Livres, pelo Ex-Administrador daquella Repartição. = Envia-mos nossos Leitores para uma multidão de outros objectos de grande interesse que se contem neste Folheto, que nem ao menos indicaremos para não ultrapassar os estreitos limites que a Sociedade tem estabelecido a estes Anuncios das novas Publicações.

Augusto Frederico de Castilho.



TRATADO PRATICO DO APARELHO DOS
NAVIOS

11
POR

João de Fontes Pereira de Mello

Compondo esta Obra elementar, destinada especialmente á instrução dos As-

pirantes, e Guardas Marinhas, fez seu digno Auctor um importante serviço.

Sabido é quanto se utiliza que os jovens que se destinão á laboriosa carreira maritima adquiram, ao mesmo passo que frequentam os estudos mathematicos, a possivel soma de conhecimentos praticos, que em tanta copia a sua profissão reclama. O Sr. Fontes coordenando no seu livro, com aquelle acerto, ordem, e clareza que justamente se lhe reconhecem, quanto uma vasta lição e a propria pratica, em longos annos lhe tem ensinado sobre a mastrição, aparelho e velame dos navios, fez desaparecer o grande inconveniente que se seguia de serem os alumnos instruidos sómente por explicações oraes, que um grande numero delles só podem reter com muita difficuldade, e á força de lhe serem repetidas; ou outro, e não menor, o das enfadonhas postillas, que além de desperdigar em um tempo precioso, erão quasi sempre cheias de innumerous erros: agora porém podem, graças ao desvelo do seu illustre Director, obter proficuos resultados sem fadiga, e sem enfado.

Com quanto nos pareça que o presente Tratado é indubitavelmente do maior merecimento em todas as suas partes, recomendamos com particularidade » o artigo adicional sobre a perda do Leme » e a Sessão sexta, » sobre o modo de preparar o Navio para querenar: » o Auctor explica miudamente e com grande clareza todos os pormenores desta operação (a qual por longo tempo teremos de praticar, attento o lastimoso estado do dique) e estamos certos que o Official que o tiver lido com attenção não precizará de a entregar á direcção excluziva dos Mestres.

4 de Maio de 1836.

Soares Franco Junior.

Erratas do 2.º Num.

Abundão n'esse N.º os erros pelos muitos embarços typograficos de que se achou cercada a Commissão da Re-

dacção, que já forão obviados n'este N.º e o continuarão a ser nos seguintes. E' necessario advertir que este Jornal não tem, nem póde ter, um systema fixo de orthografia, porque a Sociedade decidio que se respeitasse religiosamente a dos autografos apresentados pelos Socios, que por via de regra, são os revisores dos seus escritos.

Entre uma multidão de erros que se encontrão no N.º 2, e principalmente no escrito do Padre Antonio Vieira desde pag. 34 até 44, julgamos dever com preferencia apontar os seguintes, deixando á sagacidade dos leitores a correcção de muitos outros de menor monta.

Erros	Emendas
p. 34, col. 2. 1. 35 — Si	si
p. 36, col. 2. 1. 46 — chamam	chamavam
p. 36, col. 1. 2. 48 — d'aquelle estado o pecca do, universal e como riginal d'el- le	d'aquelles Esta- dos o peccado universal e como original d'elles,
p. 39, col. 2. 1. 43 — liberdade	liberalidade
p. 140, col. 2. 1. 18 — copiosa	copiosas
p. 42, col. 1. 1. 51 — causassem	casassem
p. 45, col. 1. 1. 40 — belelsa	bellesa
p. 52, c. 2. 1. ult. — navio	Iambote
Ibid. depois da pala- vra = ancorado,	e era de José Lourenço da Sil- va da Ilha do Fogo, do qual nunca mais
p. 53, col. 1. 1. 46 — Memoria sobre o sa- litre	Memoria sobre o salitre trasla- dada de Theo- doro D' Urtu- bse. Extracto do modo de se fa- zer o salitre nas Fabricas do Ta-

baco da Virgi-
nia.

p. 53, col. 2. 1. 37 — somente	e sementes
p. 53, col. 2. o §. — ser supprimido.	Extracto etc. deve
p. 54, col. 2. 1. 4. — adoptadas	adaptadas
p. 56, col. 2. 1. 37 — usava	usando
p. 61, col. 1. 1. 45 — proposto	resolvido

I N D I C E

Das materias contidas neste 3.º Numero.

Memoria sobre os Felups por <i>Jose Joaquim Lopes de Lima</i> p.	65
Da Origem e Progressos da Poesia de Portugal por <i>Antonio Ribeiro dos Santos (Continuado do Numero antecedente)</i> p.	73
<i>Antoni Filiciani de Castilho</i> ; <i>Galatea</i> : <i>Carmen</i> p.	85
Odes Anacreonticas de <i>João Vicente Pimentel Maldonado</i> p.	88
Memoria sobre a Provincia das Ilhas de Cabo Verde (<i>Continuada dos Numeros antecedentes</i>) p.	89
Sciencias Militares. Novo Systema de Pontões: Memoria apresentada á Sociedade por <i>Francisco Pedro Celestino Soares</i> p.	93
Sobre a Synopse dos principaes Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1835: por <i>Augusto Frederico de Castilho</i> p.	94
Sobre o Tratado Pratico do Apparelho dos Navios de <i>João de Fontes Pereira de Mello</i> , por <i>Soares Franco Junior</i> p.	95
Erratas do 2.º Numero do Jornal. p.	ib.